



a chama

ANO XX - Nº 28 - Dezembro-1993
Uma publicação de APM do
Colégio São Vicente de Paulo

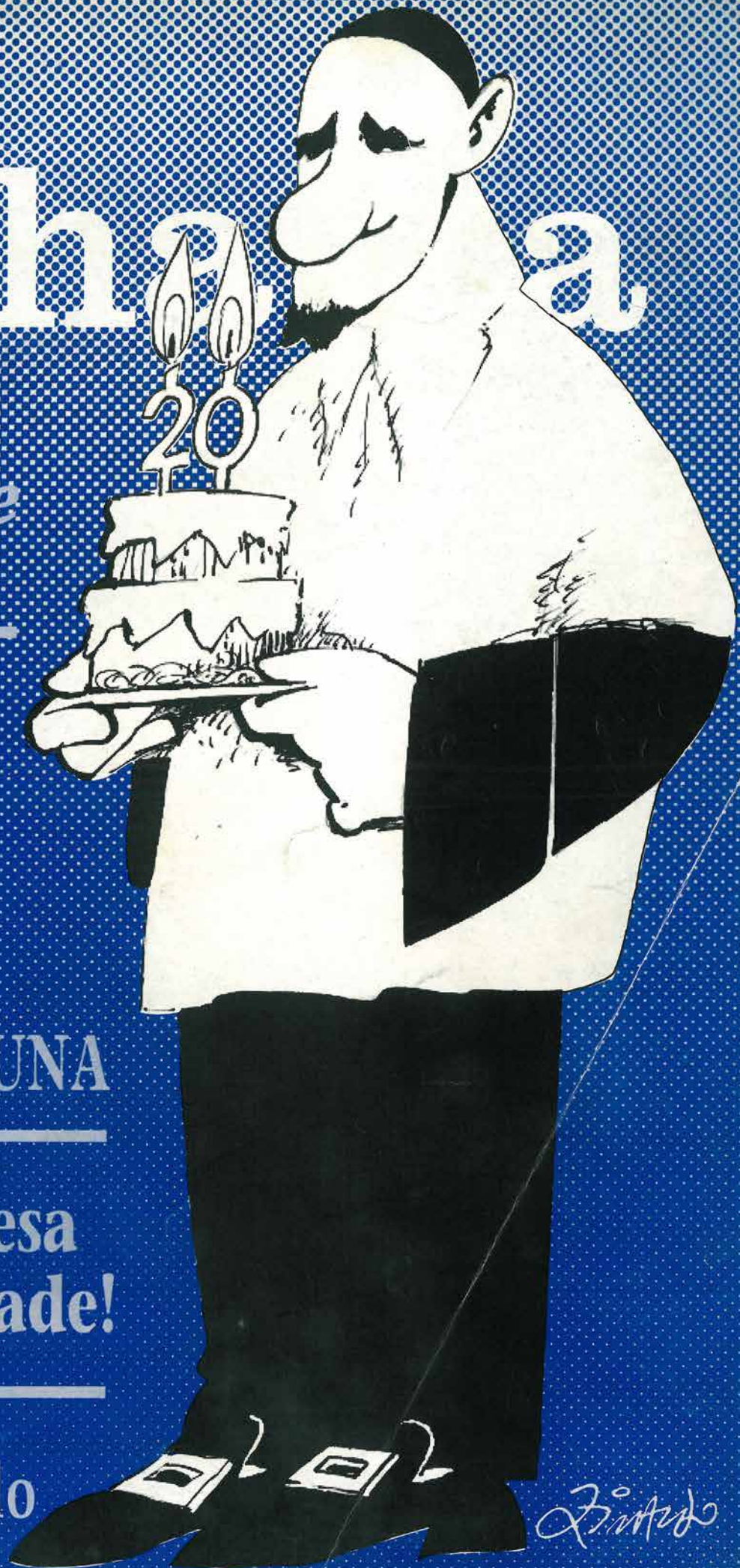
**20 anos de
A CHAMA**

**Retrospectiva
de 1993**

**BETINHO E O
COMITÊ GRAUNA**

**CSPV: Empresa
ou comunidade!**

Capa de Ziraldo



Ziraldo

A CHAMA completa

20

anos



Entrevista com o Pe. Almeida

HAROLDOZAGER: Pe. Almeida, soube-mos, por um recado da "Mãe de A CHAMA", que 1993 é o 20º Aniversário da 1ª edição. Pode o Sr. falar-nos um pouco de sua história?

PE. ALMEIDA: Quem é antigo no Colégio, estará informado de que a idéia de um órgão interno de comunicação - Jornal, Revista - vem de longe no Regimento da A.P.M. (Associação de Pais e Mestres). Esta nasceu em 1960 - um ano depois do Colégio - e o referido Regimento foi atualizado uns 4 anos depois, aparecendo então a criação de um "Jornal" como projeto a ser executado. Quase dez anos se passaram sem efetivo movimento nesse sentido. A Equipe eleita para o biênio 73/74, tendo como Casal-Presidente Léa e Plínio Mendes e, como Vice, o casal Maria Célia e Ivan Bustamante, entre muitos outros empreendimentos, como o ar condicionado das salas de aula, topou também o desafio de vivificar a letra do Regimento, acendendo a chama da comunicação.

Nasceu, pois, A CHAMA em setembro de 1973, tendo como idealizador e realizador o casal Vice-Presidente. Maria Célia, na verdade, era a "equipe": redação, diagramação, datilografia, arte final, busca de anúncios, tudo praticamente corria por sua conta.

Oportunamente, ela recorria a uns e outros, entre funcionários, professores, membros da Direção, sem falar dos numerosos familiares - nove filhos - distribuindo sabiamente as tarefas. Uma delas, de muita responsabilidade, cabia sempre à filha Lula (Maria Lucia): a capa e todas as ilustrações do texto.

HAROLDO: Deve ter sido um sufoco para Maria Célia esta fase. Terá melhorado depois?

PE. ALMEIDA: O segundo aniversário coincidiu com o número 11 e trouxe notável progresso: a impressão tipográfica, contratando-se a "Maity Comunicação" para editoria, diagramação e arte final e permanecendo Maria Célia como Diretora responsável. Belo passo para o progresso. Tornou-se mais viva a apresentação, mais fácil a leitura. Como ilustração, além da criatividade da Lula, começaram a aparecer as fotografias. Tentou-se uma pesquisa de opinião, praticamente sem resultado, pois, de mais de 1.020 consultas, só vinte respostas retornaram!

HAROLDO: Este é o sofrimento de quem publica: a incerteza de ter leitores. Houve, posteriormente, novas mudanças?

PE. ALMEIDA: Em 1978, já sob nova Diretoria da A.P.M. (Isis e Atila F. Neves), o número 23 d' A CHAMA cresceu em formato e se apresentou com maiores ambições em relação à vivência da Proposta Educacional do Colégio. Mas a assiduidade baixou de 5 edições anuais para duas ou três.

A partir dos anos 80, o Novo Diretor, Pe. Lauro Palú, com sua notável competência, assumiu a responsabilidade e a redação da revista e produziu números de indiscutível valor histórico, por exemplo: o número 43, comemorativo dos 25 anos do Colégio. Merece menção igualmente, a entrevista de Maria Célia pelos 10 anos d' A CHAMA, no número de agosto-setembro/1983.

Lamentavelmente, os anos 85 e 86 foram de penumbra, sem nenhuma publicação. Cansaço? Decepção? Falta de Tempo?

HAROLDO: Neste ínterim, sabe-se que o senhor estava fora do Brasil, mas se fazia presente com seus artigos. Depois de sua volta, como evoluíram as coisas até hoje?

PE. ALMEIDA: Em 1987, com a Diretoria - Cidinha e Luís Celso Baldacci - e o Pe. Almeida, "requentado" como Diretor do Colégio, uniram-se esforços, de que resultaram dois números, tímida orquestra que se reafinava sob a batuta do grande comunicador Antônio Carlos Lima. Em 1988, sem a presença de Antônio Carlos, surgiu a alternativa "Chamativa" (perdão pela rima inoportuna), boletim mais leve e bem menos caro que chegou ao 4º número, à espera do resurgimento d' A CHAMA em 89, sob a responsabilidade de Anamaria Prado e Solange Borba. Desde então, apesar de aparecer uma só vez ao ano, tem-nos dado muita coisa bonita e, agora, dá-nos a alegria da celebração do 20º aniversário.

Parabéns A CHAMA! Parabéns, Maria Célia! Parabéns, Haroldo (que só agora entra na história!). Parabéns a todos os heróis dos 20 anos!



3 momentos de A CHAMA: o primeiro exemplar; ainda em boletim; e a edição comemorativa de 25 anos do CSVP.

A Síndrome de Pioneirismo do São Vicente

Esta capa de A CHAMA traz muito certamente a primeira caricatura pessoal de um Santo publicada na imprensa brasileira.

O que só serve para provar que a caricatura é uma arte nobre e que a irreverência pode estar associada também ao carinho ou à ternura. Como a gente sabe que não se pode perder a ternura, jamais, aí está nosso São Vicente, com seu jeito bonachão, trazendo o bolo de velinhas para comemorar os vinte anos de A CHAMA. Olha aí a chama acessa. Ainda acessa! Algumas velinhas já podemos soprar.

Ziraldo

(pai de três ex-alunos)

EXPEDIENTE a chama

Rua Cosme Velho, 241
Laranjeiras - CEP 22241
Telefone: (021) 205-0796
Rio de Janeiro - RJ

Supervisão Editorial
Pe. José Pires de Almeida

Edição
Dalmará Abila
Haroldo Zager
Digitação e revisão
Olga Maria
Diagramação eletrônica
Júlia Carvalho
Diego Vaz
José Eduardo Barros
Aurélio Oliosio

Empresa ou comunidade?

São Vicente é uma empresa. Uma empresa bem administrada, como convém numa sociedade capitalista. Mas é também uma comunidade, como requer sua finalidade pastoral.

Por isso, no São Vicente, estamos sujeitos, todo dia, a duas pedagogias. A primeira, comunitária. A outra, institucional.

O discurso comunitário prioriza as relações afetivas, interpessoais, os liames humanos, tão fundamentais na educação da juventude. O discurso da instituição cobra competência, pontual cumprimento dos deveres, ensino de qualidade, dedicação ao estudo. Põe, em primeiro lugar, as funções e interesses. É objetivo, normativo, seguro do que quer. Tira sua força das tradições, decretos e leis.

O discurso comunitário é utópico. Não exprime a realidade, mas o que ainda não é. O que desejamos que seja: convívio fraterno de pessoas solidárias. Uma ilha de respeito mútuo, de diálogo e consenso numa sociedade, marcada por conflitos de toda sorte, que infunde medo, autodefesa, desconfiança e agressividade.

A utopia é um grande sonho, um projeto almejado. Sua força é o consenso e a boa vontade. Exprime antes uma construção, uma tarefa comum.

"O Reino de Deus é como o pai de família..." Hoje, uma realidade tensa e dilacerada que mal consegue manter o equilíbrio das relações afetivas.

Ao passar da comunidade primária, familiar, comunidade reduzida, à grande comunidade escolar, as relações do jovem se tornam mais complexas e diferenciadas. Mais ricas, mas de mais difícil acesso. Se custa ser um grupo com os colegas de classe, como formar uma comunidade com a totalidade da Escola?

Por outro lado, a pedagogia comunitária é suspeita.. É perigoso estabelecer relações muito estreitas com uma empresa, que escapa a nosso controle. Há sempre pais que acham as mensalidades abusivas e alunos que se queixam da falta de liberdade. Os salários estão sempre aquém das necessidades e reivindicações...

Nestas situações, o apelo à frater-

nidade, à mística do Fundador, aos fins pastorais da Mantenedora etc. soa como manipulação para atenuar as tensões.

Acresce que a socialização dos alunos não pode restringir-se ao âmbito das relações primárias. É preciso ampliar seus horizontes, colocá-los em contato com pessoas de todas as culturas, inseri-los, ainda que seja pelo estudo, nas questões da grande comunidade. Um dia pertencerão e atuarão em algum grupo econômico, político, cultural ou confessional.

Por isso é bom que, desde já, em nome de seus interesses, os alunos tenham seus grêmios; os pais, a APM; os professores e funcionários, suas associações e sindicatos. A vida, na Escola, se torna mais animada. Os alunos aprendem a deliberar em grupo e a se comprometer com interesses gerais. Percebem, já na infância, como é complicada a convivência democrática.

Mas não será perigoso para as relações comunitárias? Será o amor fraterno compatível com o confronto de interesses? "Não quero nem ver, para não brigar", diz a mulher que receia perder uma relação amorosa.

Nossa maneira de compreender a caridade, as relações comunitárias não tolera a oposição. Mas não está certo.

A tarefa de construir a fraternidade não pode impedir uma análise objetiva dos interesses em jogo. Ao contrário, até exige, porque é necessário que injustiças latentes venham à luz do dia, só assim poderão ser conhecidas e superadas.

Por estranho que pareça é, através da análise objetiva dos conflitos, que se criam condições de mais justiça e mais amor. As relações nunca serão autenticamente fraternais se, antes, não forem justas. Esta é a lição fundamental do projeto educativo do São Vicente.

Entre a pedagogia da instituição e a pedagogia comunitária sempre haverá tensão e conflitos, como há sempre tensão e conflitos entre a realidade e a utopia. O ideal é que os conflitos sejam superados pelo diálogo e o consenso. Para isso é preciso que a utopia seja paciente e a instituição seja transparente e que ambas se orientem pela procura da justiça e da fraternidade.

"Hay que endurecerse pero sin perder la ternura, jamás." (E. Che Guevara).

Prof. Hugo Paiva (Coordenador Acadêmico)

Os alunos do São Vicente nos vestibulares/1993

RELAÇÃO DE ALUNOS CONCLUINTE DO 3º ANO DO 2º GRAU EM 1992 APROVADOS NOS VESTIBULARES

Nº de alunos concluintes: 101

Nº de alunos aprovados em pelo menos 1 vestibular: 91

Nº de alunos aprovados em 1 vestibular: 31 (34,06%)

Nº de alunos aprovados em 2 vestibulares: 33 (36,26%)

Nº de alunos aprovados em 3 ou mais vestibulares: 27 (29,68%)

Nº de alunos aprovados para instituições públicas: 63 (69,23%)

Nº de alunos colocados do 1º ao 10º lugar: 24

Índice de Aprovação: 90,1%

Obs: Estes dados, assim como a relação a seguir foram atualizados no dia 20/03/93. De lá para cá, poderá ter havido aumento no número de aprovações, em função de reclassificações que estavam sendo esperadas.

Adriana Alves de Vasconcelos-Direito/C. Mendes;

Adriana Matta Frota-Marketing/Fac. da Cidade;

Alexandre Fernandes M.

Jacques.Engenharia/UFRJ; Engenharia/CEFET;

Alexandre Martins Soares-Engenharia/UERJ;

Ana Almeida Leote-Arquitetura/USU;

Ana Lara Soares Blum-Psicologia/USU;

Andrea Costa Chaves-Matemática/UFF;

Ana Aureliano Salm-Arquitetura/USU;Arquitetura/UFRJ;

Bernardo Souza P. de Carvalho-Economia/C.Mendes; Economia/PUC;

Bianca Amaral Mauro-Administração/USU 2ºsem.

Bruno Ribeiro O. G. de Souza-Des. Industri/UFRJ; Des. Industrial/PUC;

Carlos Fernando O. M. Júnior-Engenharia de Computação/PUC ;Engenharia/UFF;Engen./UERJ;

Cecilia Oliveira Barbosa-Medicina/UFRJ; Med./UERJ;

Celina Rangel Tura-Economia/UFRJ; Econ./UERJ; Econ./UFF;

Christianne R. M. Barbosa-Psicologia/USU (2º L.) - 2º semestre;História/PUC (7º L.);

Christiano Skinner de Lourenço-Direito/C.Mendes; Direito/UFRJ;

Clarissa Bandeira M. M. da Silva-Psicologia/PUC;

Cristiane Queiroga de Sá-Informática/Est.Sá;

Cristiano Farias Siqueira-Engenharia Química/UFRJ (4º L.); Engenharia Química/PUC (3º L.);

Daniel Leite C. Fortes-Medicina/UFRJ -2º semestre;

Daniel Pecego Vieira Caetano-.Comunicação/UFF (6º lugar); História/UERJ; Psicologia/PUC;

Daniel Salgado Morães-Medicina/UFRJ;

Daniela Carneiro de B. Barreto-Arquitetura/USU; Des.Industrial/PUC;

Diego Peixoto Dutra-Engenharia/UFRJ; Eng./CEFET;

Eduardo Alvares Moreira-Engenharia/PUC;

Fabiane de Paiva Cardoso-Veterinária/Rural;

Felipe Loureiro P. Soares-Medicina/UFF;

Felipe Tiago-Engenharia/UERJ -2º semestre;

Fernando Paes da Silva-Engenharia/UFRJ;

Flavio Nunes Ramos-Ciências Biológicas/UFRJ; Ciências Biológicas/UERJ;

Gustavo Canovas Pedreira-Engenharia/UFRJ; Engenharia/UERJ;

Gustavo Frederico Jauregui-Medicina/UFRJ

Gustavo Henrique C. P. Lutterbach-Medicina/UGF; Engenharia/PUC;

Gustavo Lima Strauch-Enfermaria/UFRJ;

Gustavo Pacheco Ferreira-Engenharia/PUC; Engenharia/UFRJ; Engenharia/UERJ;

Engenharia/CESGRANRIO;

Helena Ferreira Siqueira-Farmácia/UFRJ;

Isabela Gusmão Duarte-Comunicação Social/PUC;

Isabel Parreiras H. Napolitani-Comunicação Social/PUC; Psicologia/USU; História/UFF;

Joana Barros de Alencar-Comunicação Social/UFRJ - 2º semestre; Comunicação Social/PUC;

Joana da Costa Lyra-Artes/UFRJ (5º L.);Letras/PUC;

Juliana Sá de Alverga-Medicina/UFRJ; Med./UERJ;

Julio Dain Silveira-Música/UNIRIO (3º L.);

Laura Pozzana de Barros-Des.Industrial/PUC;

Leonardo da S. Bento-Economia/PUC;Econ/UFRJ;

Leonardo de Matos Cataldo-Engenharia/UFRJ; Engenharia/CEFET; Engenharia/PUC;

Engenharia/UNICAMP; História/UFF (2º L.);

Leonardo Ramos Chaves-Des. Industrial/PUC;

Luciana de Brito Dantas-Psicologia/PUC; Psicologia/UERJ (1º L.);Psicologia/UNIRIO;

Psicologia/UFF (2º L.); Eng. Química/UFRJ;

Luciana Escobar Pfeifer-Direito/USU;

Luis Felipe de Barros e Castro-Engenharia/UFRJ; Engenharia/PUC; Eng./UERJ; Eng./UNICAMP;

Luiza Ferro Costa Marcier-Des. Industrial/PUC (1º L.); Des. Industrial/UERJ (4º L.);

Marcelo de Almeida Salek-Engenharia/UFRJ; Engenharia/PUC; Engenharia/UERJ;

Marcelo Dias Carneiro-Administração/C.Mendes; Administração/PUC;

Administração/USU;

Marcelo Vilela Cauti-Des.Industrial/UERJ;

Des.Industrial/PUC (1º L. - CV)

Marcia Helena D. Oneto-Comunicação Social/PUC;

Marcos Leite de Castro-Direito/PUC;

Direito/UERJ; Direito/UFRJ;

Maria Antonia Goulart da Silva-Direito/PUC;

Direito/UFRJ - 2º semestre;

Maria Carolina Werbert Cattan-Música/UFRJ (10º L.); História/USU;

Maria de Lourdes L. S. Palhares-Arquitetura/UFRJ; Arq./USU; Des. Industrial/UERJ; Des. Indust./PUC;

Mariana Lira de Gusmão-Medicina/UFRJ; Medicina/UERJ; Medicina/UNIRIO;

Mariana Wrobel Klinger-Direito/PUC 2º semestre; Direito/C.Mendes;

Melissa de Almeida Monteiro-Comunic. Social/PUC;

Mila Waldeck Villas Boas-Des. Ind./PUC (4º L.); Des. Industrial/UFRJ (5º L.);

Des. Industrial/UERJ (10º L.);

Niuxa Dias Drago - Física/UERJ (1º L.);

Física/UFRJ (1º L.); Física/PUC (1º L.);

Olga Rodrigues Fernandes-Comunicação Social/PUC; Comunicação Social/UFRJ;

Psicologia/UERJ;

Paola Songhet-Economia/UFRJ - 2º semestre; Economia/UERJ - 2º semestre;

Economia/PUC;

Paula de Lima Silva e Silva-Economia/PUC;

Economia/UFRJ; Economia/UERJ;

Paulo Roberto G. Benegas-Engenharia/UFRJ; Engenharia/PUC; Engenharia/UFF;

Pedro Bittencourt dos Santos-Engenharia/USU; Comunicação Social/FACHA;

Pedro Marcondes de O. Ferreira-Economia/UFRJ; Economia/PUC;

Pedro Segreto Moura-Arquitetura/UFRJ;

Rafael Bastos Loureiro-Engenharia/PUC;

Engenharia/UFRJ; Engenharia/UERJ;

Rafael Guedes de O. Ramalho-Música/UNIRIO; Música/UFRJ;

Rafael Sá Pereira Salgado-Comunicação/PUC - 2º semestre.; Administração/UERJ - 2º semestre;

Rafael Sant'Anna Marques-Engenharia/UFRJ; Engenharia/UERJ; Engenharia/PUC;

Rafael Silva Oliveira-Administração/PUC;

Administração/USU; Administração/CESGRANRIO;

Renata Oliveira Gonçalves-Economia/PUC;

Ricardo de Castro A Fischer-Engenharia/UFRJ; Engenharia/UERJ; Engenharia/PUC;

Engenharia/UFF;

Ricardo Henrique C. Magalhães-Engenharia/UFF; Economia/C.Mendes;

Roberta Braz de Almeida-Comunicação Social FACHA;

Rocco Costa Brito Maranhão-Direito/PUC;

Direito/C.Mendes; Direito/USU;

Rodrigo Bastos Tigre-Direito/PUC;

Informática/Anglo-Americano;

Rodrigo de Oliveira Torres-Engenharia/UFRJ; Engenharia/UFF; Engenharia/PUC;

Rodrigo Paiva Guimarães-Engenharia/UFRJ; Engenharia/PUC;

Rodrigo Pimentel B. Azambuja-Medicina/UFRJ -2º semestre; Medicina/UFF-2º semestre;

Rodrigo Sanchez do V. Silva-Matemática/PUC;

Stepham Stam-Direito/UFRJ; Direito/USU (1º L.); Direito/PUC (10º L.);

Suzana Casaccia Vaz-.Matemática/PUC;

Informática/UERJ (6ºL.); Ciências Biológicas/UFRJ;

Suzana Muniz de A. Pinto-Eng. Química/UFRJ;

Verônica Silva Vilela-Medicina/UERJ;

Farm./UFF(3º L.);

Victor Gruzman-Des.Industrial/UFRJ (4º L.);

Des.Industrial/UERJ;

Virna Falek V. Palagi-Arquitetura/USU; Arq. UFRJ

Estaria você lembrado?

Pe. José Pires de Almeida (diretor do CSVP)

Sucesso nos vestibulares 92/93.

Reinício das atividades pedagógicas no dia 1º de fevereiro (pela primeira vez), sendo 1993 o 35º ano escolar da Casa, o que significa que, em 30/03/94, a Escola completará 35 anos de funcionamento e 25 anos de Proposta Pedagógica para a libertação.

09/02 - 1º dia de aula para o 2º Grau. O Diretor apresenta aos alunos do 3º ano a nova Coordenadora, Profª Maria Cristina Spínola Pereira Caldas, que já exercia a Coordenação Vertical de Matemática.

- A recém-empossada Diretoria da APM se reúne para elaborar as prioridades em vista do Projeto bienal. São os seguintes casais: Presidente: Sérgio e Dalmara Abla; Vice-Presidente: Eudes e Alciléia Furtado; Relações Públicas: Francisco e Maria das N. Viniegra; 1º Tesoureiro: Paulo e Elza Guimarães; 2º Tesoureiro: Getúlio e Mircia Vilela; Secretário: Mário Túlio e Maria Rosa Castro.

25/02 - Faleceu em acidente automobilístico o aluno Leonardo (T.42) mais pai e tio, ficando a mãe muito machucada. O avô falecera 2 semanas antes.

03/03 - Reformada pela Administração a casa de máquinas, no pátio interno, para uso da Associação dos Ex-alunos, já se transformou na "Casa do Chumbinho".

05/03 - Tempestade invade o Cosme Velho, arrastando tudo pelas ruas. O subsolo leva água e lama até uns 30 centímetros de altura. Em ocasiões como esta é que se mostra o zelo da zeladoria. Trabalharam grande parte da noite na faxina e todo o dia seguinte (pela manhã, por ser sábado).

09/03 - No subsolo, recepção aos novos alunos do 2º Grau. Novidade. Fez-se durante o lanche a eles oferecido.

22/03 - Presente ao auditório do Colégio para falar sobre o Plebiscito - defendendo a República Parlamentar - e sobre o governo que vem fazendo no Ceará, o Sr. Ciro Gomes, acompanhado de outros próceres políticos. Dois dias depois foi a vez do ex-aluno Príncipe D.



Visita ao SVP dos membros da Direção da Província Brasileira da Congregação da Missão - entidade mantenedora.

João de Orleans e Bragança, exaltando a Democracia Monárquica.

26 e 27/03 - Greve geral dos transportes. Muitos funcionários têm que faltar o serviço. Outros, heroicamente, fazem vários quilômetros a pé para chegar até cá.

29/03 - Missa de 7º dia por Márcia Barbosa, mãe de Paula M. Barbosa, aluna nova do 1º D.

30/03 - Comemoração dos 34 anos do Colégio São Vicente de Paulo. A missa foi na Casa Central para 30 ou 40 pessoas. À noite bom debate no Auditório, apesar do mau tempo.

31/03 - O policial (Luciano), solenemente apresentado à Direção 2 dias antes, foi interpelado por um pai de aluno por estar em gostoso papo com o milheiro, enquanto o trânsito corria à revelia do semáforo. Respondeu com toda fleugma: "Que vou fazer? Estamos no Brasil!". Foi dada queixa ao Batalhão e o mesmo, retirado do serviço.

07/04 - Semana Santa no Caraça. Parte a caravana composta de 49 pessoas de várias procedências. Foi outro sucesso. Caraça é sempre Caraça, isto é, tranquilidade e paz! As cerimônias da Semana Santa sempre atraem muitos hóspedes. O Superior da Casa - homem sempre chistoso e mestre nos trocadilhos - ao celebrar a Vigília Pascal insistiu na renovação das Promessas do Batismo, a

ser feita com a maior convicção. Só que, em vez de perguntar "Renunciais ao Pecado?", lançou ao ar solene: "Meus irmãos e minhas irmãs renunciais ao vosso Batismo?". Calcule-se o esforço para prender o riso...

15/04 - O Colégio São Vicente de Paulo, mais propriamente, o Conselho Pedagógico, recebe a visita dos membros da Direção da Província Brasileira da Congregação da Missão. Entidade mantenedora. Escutaram a exposição dos vários Coordenadores sobre as respectivas funções, inteirando-se um pouco sobre o dinamismo da Casa. Houve pequeno debate, pois o tempo não permitiu delongas.

17/04 - Sábado. Isto é, SABADÃO... novo visual para os olhos nas pinturas dos muros. Excesso de som para os pobres tímpanos menos jovens.

20/04 - Terça-feira. Paralisação do Professorado por 24 horas, em advertência ao Patronal... Deus é bom pai. A greve foi afastada...

21/04 - Dia do Plebiscito. Tudo como dantes no quartel de Abrantes...

28/04 - Um caso de rejeição agressiva aparecido no 2º Grau, foi devidamente acompanhado pelos SOP-SOE. Os culpados não apenas sofreram a sanção devida mas foram separados entre si.

29/04 - Dequinha (Araciema de Moura Neves) e Zezé (Maria José

Bustamente Soares) despedem-se do Colégio. Saudades com o carinho - bem merecido - dos colegas e funcionários. A 1ª, com quase 34 anos de serviço e a 2ª, com mais de 17! Sejam felizes e possam descansar no leito da aposentadoria. Na Biblioteca continuará Dirlene (provisoriamente sozinha) e no Audiovisual, ficará a Vânia Remy, da Secretaria.

03/05 - Apresenta-se ao Diretor a nova Diretoria do GRECO: Tereza Alvarez (1º A) - Presidente; Júlia Carvalho (1º A); Andreza Bittencourt (2º D) e André César (1º B). Comunicam que participarão da Passeata de greve dos Colégios, amanhã, 04/05, e a razão da participação será de apoio. Afirmando nada ter a protestar contra as mensalidades do Colégio, motivação da Passeata dos demais estudantes.

06/05 - A suspensão de uma turma inteira no 1º Grau agita o ambiente. A questão será lentamente administrada nos dias subsequentes. O motivo foi um incidente de aula, considerado ofensivo ao Professor e não explicado pela turma, o silêncio foi interpretado como solidariedade. Dias depois, outro caso semelhante estourou, felizmente foi atalhado ao nascer, sem repercussão fora. Outras crises estourarão nos dias seguintes, seguidas dos devidos remédios.

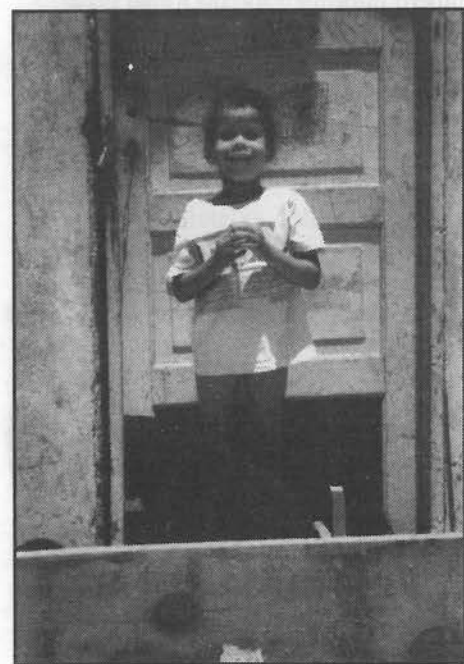


Foto de criança no Cerro-Corá durante visita dos membros do SVP aquela comunidade.



Via Sacra, Semana Santa no Caraça. O SVP fez-se representar, como sempre.

10/05 - Grande reunião de Catequese. Reflexão sobre os rumos de nossa Pastoral. Algumas boas medidas foram sugeridas, por exemplo, a duplicação das aulas de Religião na 1ª parte do 1º Grau.

17/05 - Reunião sobre Informática, começa-se a aprofundar a reflexão, em vista de se preparar o terreno. Muitos passos serão dados ainda...

19/05 - Grande acontecimento: Herbert de Souza, o Betinho, vem ao São Vicente, fala ao auditório repleto e motiva a fundação imediata do Comitê Graúna. Já era tempo de surgir algo de novo!

20/05 - Falece, na Clínica São Vicente, na Gávea, o Prof. Jorge Luiz de Souza e Silva, após poucos meses de intenso sofrimento. O velório e os ofícios religiosos foram na Capela do subsolo.

22/05 - Falece, em Jaú-SP, a mãe da Profª Maria Rosa Momesso de Castro.

28/05 - Vem a lume o novo órgão de Comunicação **Expressão Livre**, sob o patrocínio da APM e orientado por Haroldo Zager, pai de aluno. Provisoriamente instalados na Sede dos Ex-alunos, deverá ter, oportunamente, sua total autonomia. Votos de longa vida!

01/06 - Projeto FACE, do Cesgranrio, em fase de organização, convidando os Diretores. O do São Vicente, comparece com mais cerca de 20 outros. É nova abertura para a comunicação entre Escolas e, sobretudo, para o futuro. Ali, o Pe. Almeida apresentou o 1º número de **Expressão**

Livre como testemunho de esforço cultural. Artur cotado para o grupo inicial da coordenação do Projeto.

03/06 - Paulo, Coordenador de Educação Física, parabenizado no Conselho Pedagógico pelo brilho com que nossas equipes se vêm apresentando nas competições esportivas fora da Casa. E também, pela assistência que os Professores de matéria vêm dando aos alunos competidores.

- Voluntárias em atividade. Em clima de Eleição de nova Diretoria, fazem a Páscoa na missa de 11h e 45 min, no subsolo e almoçam juntas em casa de Marieta Gomes de Andrade, mãe de Isabel (3º ano).

04/06 - O Comitê Graúna leva triunfalmente sua 1ª contribuição (arrecadada entre os alunos, cerca de 400 kg de mantimentos) à Creche do Centro Social Cristo Redentor (Rua Indiana, 59).

14/06 - Início da 1ª Semana da Cultura, promoção do GRECO com participação de todas as instâncias da Casa. Pareceu-me uma das mais interessantes organizações já levadas a efeito no São Vicente. E... Viva a Júlia, musa da Cultura (Ela é do 1º ano A).

15/06 - Falece mais um pai de aluno, o Dr. Rogério Boetger, vítima de acidente automobilístico, após 2 semanas de coma, devido a traumatismo craniano. Pai de Maurício e Guilherme (2º Grau).

19/06 - Festa Junina. Foi a festa da unidade, já devidamente comemorada no nº 3 de **Expressão Livre**.

30/06 - O Diretor comunica ao Prof. Cláudio Mário que não foi aceita a continuação de seus serviços (29 anos). Cláudio Mário ao se aposentar, ofereceu-se para continuar no Colégio. Estudados todos os ângulos da questão, viu-se que era hora de dar um fim, apesar de todas as imensas qualidades do Professor e de seu amor à Casa e ao magistério. Ele recebeu a comunicação imensamente abalado e decepcionado. A Direção teve de se preparar para as reações que, de fato, vieram, mas em estilo bem moderado...

10/07 - Sociais - Em Nova Iguaçu, casamento religioso da Profª Rosana Mota, sendo o noivo Marcos Coelho, membro da Igreja Batista, a cerimônia se passou em local neutro adrede preparado, sendo oficiante o Pe. Almeida, com a participação do Pastor da Igreja do noivo.

20/07 - O Pe. Marcelo Motta Carneiro, Vice-Diretor do Colégio São Vicente de Paulo, é recebido e empossado solenemente como membro da Academia Cearense de Ciências e Letras, sendo saudado na posse, pelo Acadêmico José Braga Martins, Prof. do Colégio Pedro II e ex-aluno do Caraça e Seminário São Vicente de Paulo em Petrópolis.

02/08 - Na 1ª reunião da Coordenação do semestre, os professores Paiva, Zacarias e Artur fazem relatório dos Congressos que participaram, Artur: Congresso de Comunicação, em São Paulo, sob o patrocínio da CNBB; os



Debate sobre forma e sistema de governo. Auditório do SVP lotado, descontração na mesa debatedora.

outros, em Belo Horizonte: Congresso de Educação promovido pelo Curso Pitágoras.

03/08 - O Curso Supletivo tem, a partir de agora, um serviço de Orientação Educacional. A titular é a Profª Luciene M. Gomes, que estagiou como aluna no Supletivo e demonstrou excelente relacionamento e capacidade de trabalho.

04/08 - Sai o 3º número de **Expressão Livre**, com reportagem sobre os grandes eventos do final do 1º semestre; Festa Junina e Semana Cultural.

11/08 - Coral Aberto. É nova etapa de

arte musical do São Vicente, consta de alunos, pais (mães) e funcionários. Boas perspectivas e muita expectativa. Votos de vida longa.

12/08 - No Supletivo, início do Curso profissional-artesanal ministrado pela Profª de Artes Gisele, sob patrocínio do Colégio, da APM e de outras entidades de fora. O local é a sala das Voluntárias. Bom proveito.

14/08 - Sábado - Música no pátio - haja tímpano. Sai, simultaneamente, o 1º número informatizado do **Jornal do 2º Grau Preto Retinto**.

16/08 - Pe. Marcelo fora toda a semana, em Salvador, dando curso para a Universidade Católica.

19/08 - Tarde de autógrafos. Livro "Se não me falhe a memória" de Joaquim de Salles, ex-aluno da Congregação no Caraça, Petrópolis e Paris e uma das fortes alavancas da criação do Colégio São Vicente de Paulo do Rio de Janeiro.

23/08 - Às 14 horas um grupo de 20 Mestres (Coordenações e Professores) foi à IBM para receber instruções, sobre o uso pedagógico da Informática. Gostaram muito. Haverá, posteriormente, um aprofundamento do que ali foi vivido.

28/08 - Reunião de Pais de Alunos da turma 1º B, com os filhos e, a convite dos mesmos, sem circular. Reunião densa, uma vez que estava em jogo, além da questão acadêmica (notas baixas), a questão disciplinar. Participaram: Pe. Almeida, Eleonora e Zacarias. Muito



Aniversário do Colégio São Vicente de Paulo - 34 anos.

participada e com propostas a serem analisadas. Marcou-se outra para 02 de outubro. Felizmente, os dias seguintes mostraram que a reunião valeu.

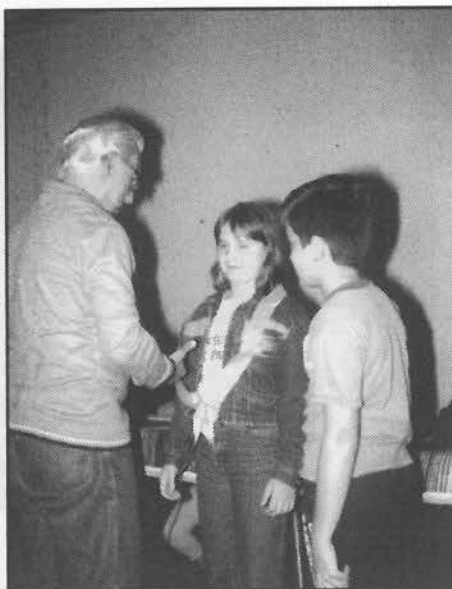
30/08 - 8 horas na reunião dos Coordenadores, comentários sobre a ida à IBM. Muito interesse de todos. Joca, presente à reunião, mostrou-se entusiasmado com a proposta da IBM. Oportunamente, marcar a ida de outro grupo, incluindo alunos. Ver o que já se faz em outras Escolas.

07/09 - Morre tragicamente, vítima de assalto, Alexandre da Rocha Cabral, filho da Inspetora Maria da Glória e nosso ex-aluno.

08/09 - Faleceu no Hospital Samaritano, o Dr. Alberto de Souza Oliveira, benfeitor de nossa Comunidade Religiosa e da Comunidade do Colégio São Vicente de Paulo, por mais de 35 anos. A missa de mês será celebrada no Colégio pelo Pe. Almeida. Durante muito tempo, o Dr. Alberto e familiares freqüentavam a capelinha do subsolo para a missa dominical, celebrada pelo Pe. Nogueira (falecido em 1978).

13/09 - Falece, na Casa de Saúde Santa Lúcia, o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Dr. Belarmino Maria Augusto Austregésilo de Athayde, após uma semana de UTI, ex-aluno dos PP. Lazaristas em Fortaleza e grande ajuda ao Pe. Horta na fundação de nosso Colégio São Vicente de Paulo.

15/09 - Pe Domingos, com Zacarias, Nina e Cristina Caldas vão a Niterói ver o que já se fez no Centro Educacional de



Pe. Venuto empossa o Mini-grêmio, eleito em 22/6.

Niterói em matéria de Informática em Educação.

16/09 - Enterro do Presidente da ABL, após velório no salão nobre da Academia; Pe. Almeida compareceu, juntamente com o Presidente da APM, Dr. Sérgio Abla. A partir da tarde, hasteou-se a Bandeira em posição de luto... Foi, ou não, decretado luto oficial?

- Pe. Lauro Palú, em visita ao Colégio, participa do Conselho Pedagógico. Ao ser informado do esforço de construtivismo, observa sobre o risco de se dar prioridade ao "processo" sobre o conteúdo. Para nós o

conteúdo do social, enquanto libertação da escravidão da pobreza e da miséria, estará sempre em primeiro lugar.

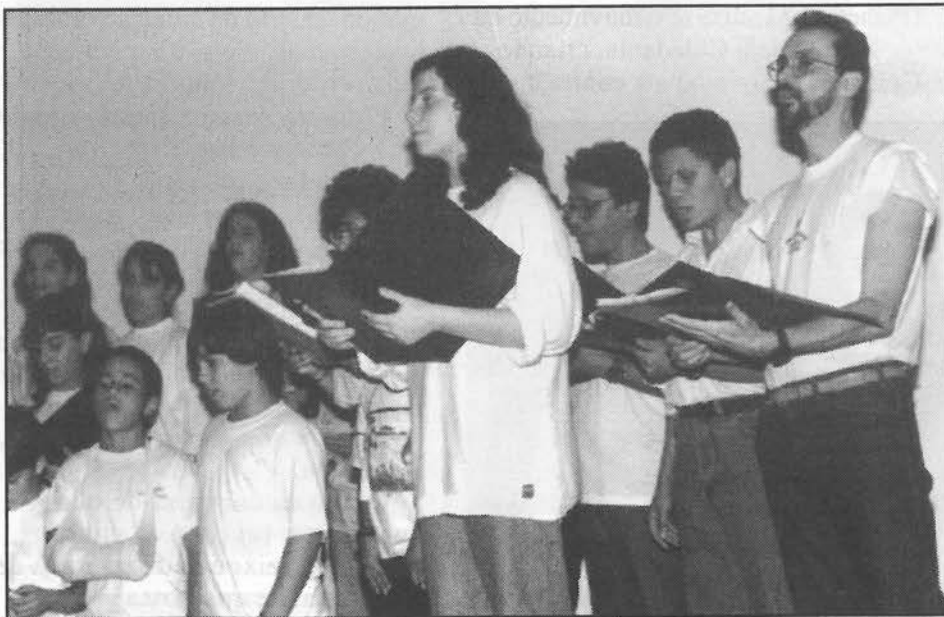
17/09 - Na reunião de Inspectores, foi ressaltado o gesto do funcionário Ramos (Porteiro) que, vendo adiantar-se um auto desgovernado que ameaçava 3 alunos parados na travessia da rua, se interpôs e conseguiu afastar os alunos para a outra extremidade, mesmo com risco da própria integridade.

27/09 - Solenidade de São Vicente de Paulo, Patrono da Casa, Pai dos Pobres, grande missionário, Fundador da Associação da Caridade, da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade, Patrono da Sociedade São Vicente de Paulo (Ozanam), assim como de todas as Obras da Caridade da Igreja. A celebração litúrgica (Eucaristia) está programada para as 20 horas, durante e depois da qual os 2 novos corais da Casa (o do 2º Grau e o "Aberto") estrearão. Pela primeira vez, o Curso Supletivo está oficialmente convidado. Após a Liturgia, previsto o "tradicional menu" de confraternização. Outra novidade será a participação dos 5 noviços da Província, os quais, há 3 dias, estão na Casa Central, em visita às origens...

29/09 - Sobre a noitada de ontem (28/09), com Marcelo Alencar, o menos a dizer é que foi interessante e proveitosa. A 6ª, 7ª e 8ª fases do Supletivo foram convidadas, dada a pertinência do assunto. Além do Marcelo, falaram Prof. Luiz Sérgio, de História, assim como o Sr. Darc da Luz Costa, pai de alunos e irmão de ex-aluno, Presidente da AMA-Cosme Velho. Depois houve debate, não muito longo por causa do adiantado da hora.

06/10 - Comparece ao Colégio para falar a um auditório lotado o Procurador do Estado, Dr. Antônio Carlos Biscaia, Promotor da Justiça nos processos que envolvem os Bicheiros e os Policiais comprometidos com a chacina de Vigário Geral. Excelente palestra sobre as funções que exerce e com um panorama da Legislação processual brasileira, comparada a de outros países. Ao final, alguns minutos de debate, com perguntas bem pertinentes e respostas à altura...

Perguntado no final, sobre quem já havia sido assaltado, levantaram o braço quase todos; o salão estava cheio!



Apresentação do Coral Aberto na festa de São Vicente. Sucesso.

Visita do Betinho ao Colégio

Dezenove de maio foi o dia da vinda de Herbert de Souza ao auditório do Colégio para falar a cerca de 300 pessoas, a maior parte, alunos da Casa. A visita foi fruto da iniciativa do grupo de "política" orientado pelo Prof. Roberto Vizeu, o "Peninha." Fora anunciada na imprensa e foi seguida, igualmente, de reportagens escritas.

Ao saudar a platéia, disse Betinho: "Eu já havia estado nesta casa, no passado. Hoje, porém, sinto perpassar aqui um ar diferente..."

Tópicos de sua fala:

1 - No Brasil, 150.000 crianças morrem por ano; no Rio de Janeiro, 1.700. Uma única criatura desta massa indigente (32.000.000) vale mais que qualquer bolsa de valores.

2 - O mundo - particularmente o Brasil - se divide em duas classes de pessoas:

a) Gente que tem casa e comida, transporte próprio e estudo. Gente que viaja para lazer.

b) Gente que não goza daqueles benefícios (casa, comida, transporte, estudo), vivendo na mendicidade ou

no crime. Estes, quando viajam, é por necessidade.

3 - Um fosso separa as classes; por exemplo, Favela do Lixo. Como podemos viver normalmente?

- É que estamos DISTANTES dos necessitados. Quando está mal um colega, tem certeza da nossa ajuda. O indigente, não.

- Por que ele (Betinho) só se ocupa com isso?

É que nós temos condições de saber; por isso também, de abrir os olhos para o Brasil e o Mundo (Planeta). Aí situa-se o movimento da

Ética e pela Cidadania, criando Comitês em todo o país contra a

miséria e a fome.

4 - Convite: "pintar a cara" contra a miséria para que a elite do país olhe para os indigentes.

a) Como criar Comitês? - Resposta: Criatividade, novidade, decisão e juventude. Ontem, na rua, formou-se um Comitê de artistas: mundo da cultura e da mídia (Literatura, cinema e música);

b) Dentro de uma semana, reunião de todos, Semana da Cultura contra a miséria.

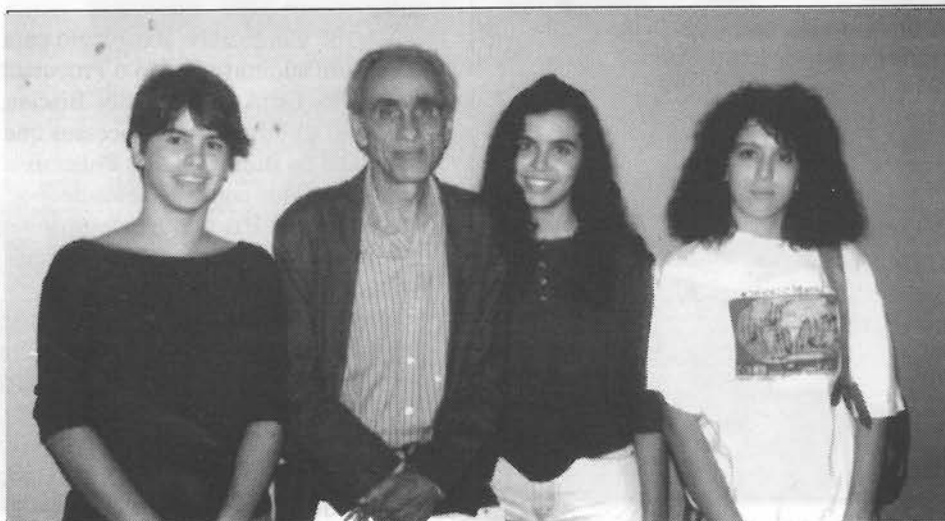
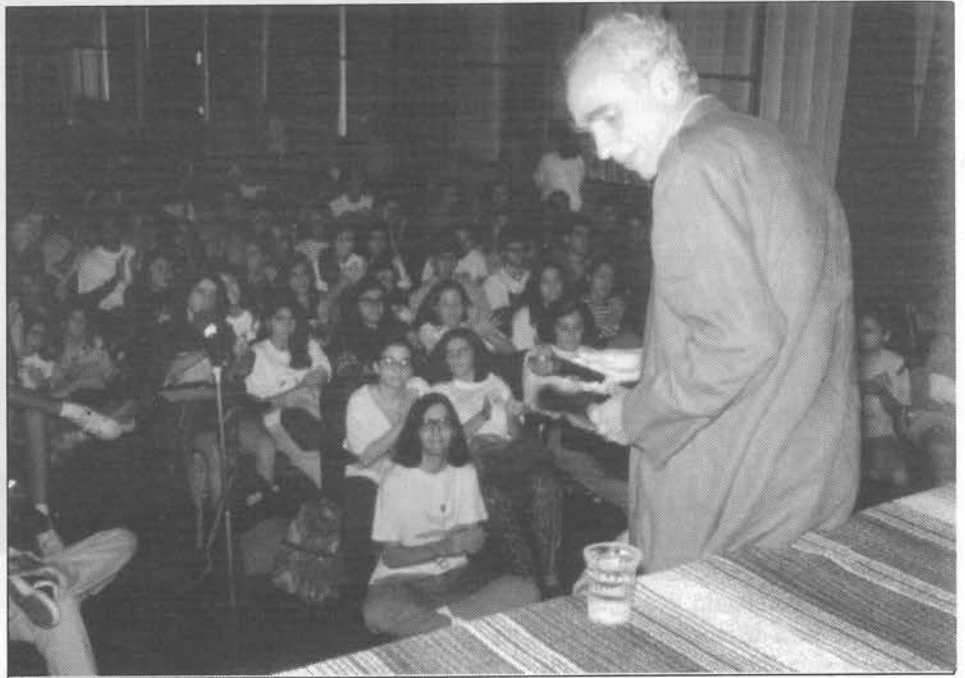
5 - Sonho: Criar outro país, outro mundo, saindo da situação cínica em que estamos. Se não esperasse, a vida perderia o sentido.

Proposta-desafio: (muito simples)

- 1 - Mudar o Brasil
- 2- Mudar o Mundo.

6 - Quando um aluno sugeriu o nome de "Comitê Graúna", para o Comitê que surgiria no Colégio, Betinho exclamou emocionado: "Eu sabia que Henfil estaria, aqui, entre nós, inspirando e animando. Agora, ele aparece claramente, através de uma das suas criações, A Graúna.

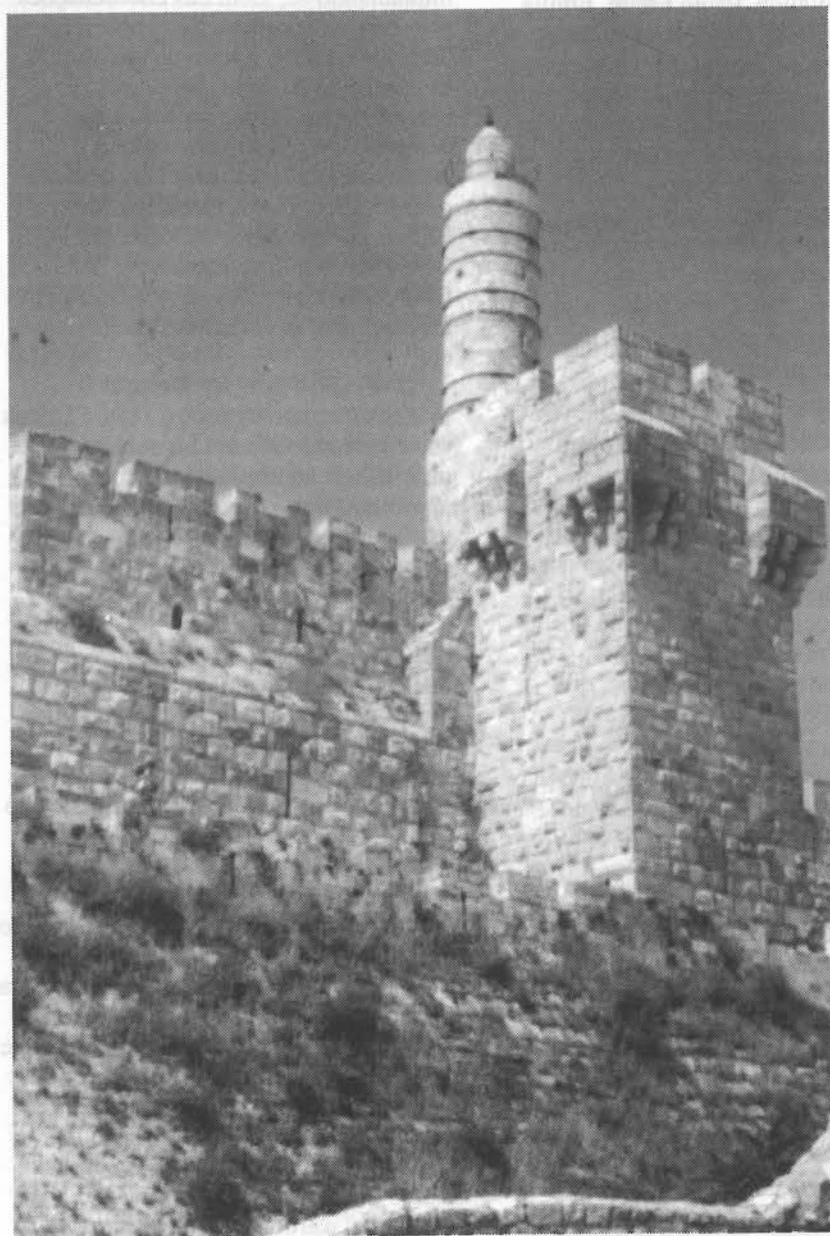
O tom da conversa de quase duas horas, foi todo de muita emoção e deixou entrever raios de esperança, de que nossa Comunidade andava bem necessitada.-(Nota da Redação)



Betinho entre as "musas" do Greco, Teresa, Andrezza e Júlia.

PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA

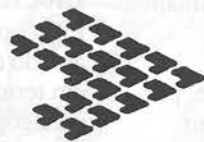
**Espanha - Itália - França
Israel - Egito - Grécia**



**Nada se
compara ao
mistério dos
lugares santos
onde Jesus
viveu.
Não acha que é
sua hora e vez?**

**Direção:
Padre Almeida
Tel: 205-0796**

**PARTIDA:
5 DE JULHO DE 1994**



**International
Travel
Organization**
PRESENTE EM 56
PAÍSES E EM 10
ESTADOS BRASILEIROS

**Tel: (021) 221-3735
Fax: (021) 231-0543
Telex: (021) 32752**

a chama

O Construtivismo no São Vicente de Paulo

Na entrada do século XX, os cientistas ainda estavam embalados pelo mito iluminista da capacidade ilimitada da ciência moderna. A história deste século, marcada por totalitarismos, guerras, conflitos étnicos e toda sorte de barbaridades e torturas contra o gênero humano, possibilitou a discussão sobre a neutralidade da ciência e alertou para os deslocamentos provocados por nossos sistemas de representação simbólica. Esbarrou-se com a provisoriedade dos conceitos e paradigmas científicos. Abriam-se e fecharam-se portas a cada instante e foi preciso ser mais humilde diante do saber, apesar da aceleração do desenvolvimento técnico e científico que nosso tempo presenciou. A ciência foi, progressivamente, adotando a perspectiva do movimento, a partir da percepção de um Universo em expansão, da evolução dos seres vivos e das transformações histórico-culturais do planeta que habitamos.

O construtivismo surge, exatamente, incorporando esta concepção, que o avanço da ciência propiciou. E mais, tendo por base que o conhecimento não é neutro, concebeu-se que ele contém direções e sentidos, que fazem sua diferença. É preciso indagar a serviço do que e de quem ele se realiza. Há que distingui-lo em função - especialmente em nosso país - do desenvolvimento da cidadania, da democratização do saber, do compromisso com as questões sociais e ecológicas.

Vivemos em uma sociedade extremamente individualista. Muitos, apesar de tudo, ainda acreditam na ilusão de poder resolver seus problemas isoladamente, contudo, estamos todos no "mesmo barco" e, por isso, tem-se que pensar em construir saídas que sejam coletivas. O construtivismo só terá sentido historicamente, na medida que se organizar como o trabalho de um grupo que se abre para a aventura do saber e da partilha. É preciso criar espaços de interação, cooperação, trocas e conjugação do pessoal com o

social. Isto é essencial para que o conhecimento construído provoque transformações positivas na qualidade de vida neste planeta.

Cabe lembrar que, o construtivismo é uma teoria epistemológica e, como tal, foi absorvida pela Educação.

Diferentes cientistas deram as bases conceituais do construtivismo: Piaget, Vygotski, Wallon, Paulo Freire, Emília Ferrero e outros. Observa-se diferenças de abordagens e mesmo de paradigmas entre eles e isto fez com que o confronto entre estes pensadores tenha dilatado as perspectivas e, num outro sentido, exigido a tomada de posições. No entanto, uma grande confusão de princípios possibilitou que escolas muito diferentes se dissessem "construtivistas". A coisa virou moda. Por todas estas razões, é preciso, pois, se estabelecer o que entendemos por construtivismo no Colégio São Vicente de Paulo, ou seja, que posição tomamos.

Nos apoiamos em Piaget, que estudou a epistemologia genética; em Vygotski e em Wallon, que trouxeram para a análise a questão dos fatos culturais, da interação social, da socialização dos saberes; e, mais específica e anteriormente, em Paulo Freire, que referiu-se à construção coletiva do conhecimento e ao diálogo como base da relação professor-aluno, que se dá no leito de uma cultura e na sua perspectiva crítica, que busca a transformação das estruturas opressoras.

Em 1968, aderimos aos princípios da Educação Libertadora, definida na Conferência Episcopal de Medellín e que estavam de acordo com o que se vinha formulando em termos de mudanças de condutas pedagógicas no São Vicente. Estes princípios estão definidos na Filosofia da Escola e nos têm levado à busca de novos caminhos e de mudanças na relação de professores e alunos com o conhecimento escolar. Entendemos, basicamente, que o aluno deve ser sujeito de seu próprio desenvolvimento e do

desenvolvimento social.

Foi neste sentido que se investiu na criação de organismos de participação dos alunos (os grêmios), na vitalização da Associação de Pais e Mestres (a APM) e na abertura da instituição aos movimentos sociais do bairro e da cidade. Ampliaram-se, assim, as fronteiras do colégio e romperam-se os muros da fortaleza escolar.

O processo exigiu também modificações na organização administrativa, especialmente no que concerne à coordenação pedagógica, implantando-se, além das coordenações por série, as coordenações verticais por disciplina, com o intuito de possibilitar as mudanças na forma de se realizar a aprendizagem. Aliado a isto, temos dedicado um tempo bem maior à reflexão e avaliação de nossas práticas pedagógicas. São os Conselhos de Classe, os Conselhos de Reflexão, as Reuniões com as diferentes Coordenações e o Serviço de Orientação Educacional, as Jornadas Pedagógicas etc.

O desafio é grande. De certa maneira, "remamos contra a maré" numa sociedade individualista e autoritária. É difícil agir no sentido do aprofundamento dos conteúdos e no estabelecimento de relações mais amplas, que incluam a análise crítica da cultura e o compromisso com a democracia e a justiça, quando os meios de comunicação social reproduzem apenas "flashes" da realidade e notícias tendenciosas sobre os fatos ocorridos, quando a "lei do mais forte" campeia, quando muitas famílias querem somente resolver os problemas mais imediatos do dia-a-dia quando as condições de vida dos educadores não têm se mostrado nada favoráveis. Estou falando da educação dos valores, aquela que exige o desenvolvimento do senso crítico.

Temos feito um esforço conjunto para superar estas contradições e os nossos limites pessoais. Vivemos sérias crises e estamos, constantemente, a buscar novas saídas. O que a experiência tem mostrado é que não dá para se tornar construtivista da noite para o dia, assim como que por um passe de mágica. Há um longo e árduo caminho a se percorrer. No São Vicente, estamos tentando.

Profª Lourdes Tura
(Orient. Educ. - SOE)

Desalienação ou alienação?

O século XX está chegando ao seu final numa velocidade alucinante. Cada vez mais novas indústrias e novos conhecimentos científicos nos surpreendem e deixam para trás tanto a eletromecânica quanto a ciência clássica. Já não causa maior espanto ouvir falar sobre informática, química polimérica, computação gráfica e outras.

O fato é que a velocidade dos avanços é frenética, tão rápida que o tempo de vida de determinadas técnicas de produção é cada vez menor. Muitas duram dois anos e meio ou apenas oito meses, como é o caso da produção de insulina aqui mesmo no Brasil.

Diante deste quadro, que prenuncia o século XXI, é que me pego fazendo perguntas de pai e de professor, entre as quais esta: Como será a Escola do futuro?

Não chego a me angustiar com esta e outras perguntas que me faço, mas, por um lado, estou convencido de que as Escolas de hoje, ainda que bem aparelhadas com computadores e tudo mais, não serão capazes de preparar os jovens para os jovens para o exercício de quaisquer funções

A escola do séc.XXI poderá ser desalienante

produtivas no século XXI. A Escola que tiver esta pretensão está indo contra a realidade: inevitavelmente terá seu ex-aluno com conhecimentos ultrapassados na antevéspera de entrar no processo de produção, se ele se restringir à Escola como única agência educativa.

Acredito, hoje, que a Escola de amanhã será mais eficiente se se dispuser: a) a desenvolver-lhes a consciência crítica; b) a retirar das prateleiras empoeiradas o aristotelismo, o cartesianismo, o hegelianismo, o marxismo e muitos outros "ismos", para que a comunidade escolar volte a cultivar as humanidades e a aceitar a pluralidade de sistemas filosóficos,

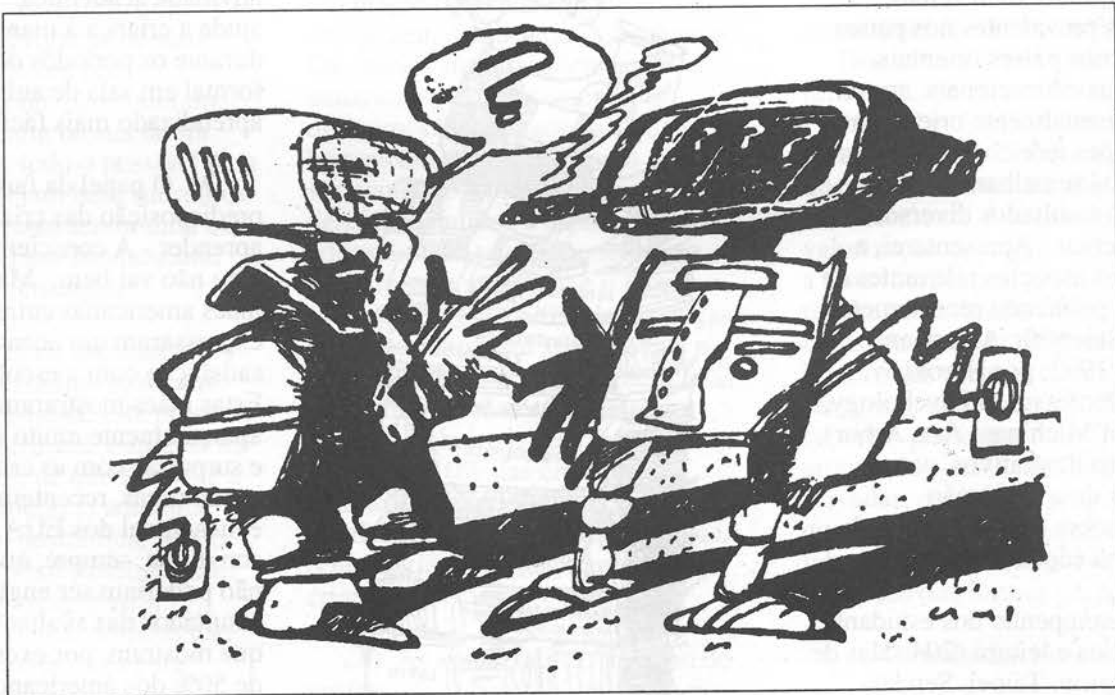
de doutrinas e de concepções científicas; c) a oferecer condições de os seus alunos serem versados em política, artes e ciências para melhor compreenderem e interagirem no mundo; d) a preparar homens e mulheres para participarem da atualidade histórica de suas épocas, como cidadãos capazes de serem permanentemente governantes.

Hoje, neste final de século, acredito que, todos os jovens, se educados desta maneira que penso, com a consciência do todo, além de serem capazes de transformar e reinventar o mundo e novas relações, quer com os homens em geral, quer com o mundo enquanto conjunto de ecossistemas, também estarão aptos a acompanharem o frenético progresso que se prenuncia para o III milênio.

Aliás, estes é que serão os sujeitos da história do século XXI; os "bitolados" pelas especialidades e feitos escravos delas, os objetos. Os primeiros, homens livres e libertadores; estes últimos, homens alienados, oprimidos e capazes de ficarem obsoletos.

Profº Zacarias

(Coord. das 1ª e 2ª séries do 2º Grau)



Aprender é dever do aluno. Organizar o ensino é tarefa do professor.

Na última década vem crescendo, acentuadamente, a necessidade de preparar nossos estudantes para ingressar numa sociedade regida por valores e por uma economia organizada a partir de padrões estabelecidos internacionalmente. Esta afirmação é determinada, não só pela nova ordem político-econômica prevalente, como está condicionada pelos avanços científico- tecnológicos incorporados ao nosso cotidiano.

Embora todos reconheçamos esta realidade, e seja grande a preocupação e os esforços para proporcionarmos uma educação adequada para nossos filhos, é grande a distância que separa as propostas educacionais e as práticas pedagógicas levadas a efeito em nossas escolas.

Tal constatação vem sendo consolidada por vários estudos comparativos entre os sistemas educacionais prevalentes nos países ocidentais e nos países orientais. Estes sistemas educacionais, apesar de estarem formalmente orientados, por concepções teórico-pedagógicas e para objetivos semelhantes, vêm conseguindo resultados diversos na educação escolar. Apresentarei, a seguir, alguns aspectos relevantes de um trabalho publicado recentemente na revista "Scientific American" (Dezembro, 1992; por Harold W. Stevenson, Professor of Psychology, University of Michigan, Ann Arbor), que considero ilustrativos, para fundamentar uma discussão construtiva sobre o desempenho de nosso sistema educacional:

1) O desempenho dos estudantes em matemática e leitura (204 salas de aula, em Pequim, Taipei, Sendai,

Chicago, Minneapolis) - Os estudantes-asiáticos têm uma média de performance acadêmica melhor que a dos EUA.

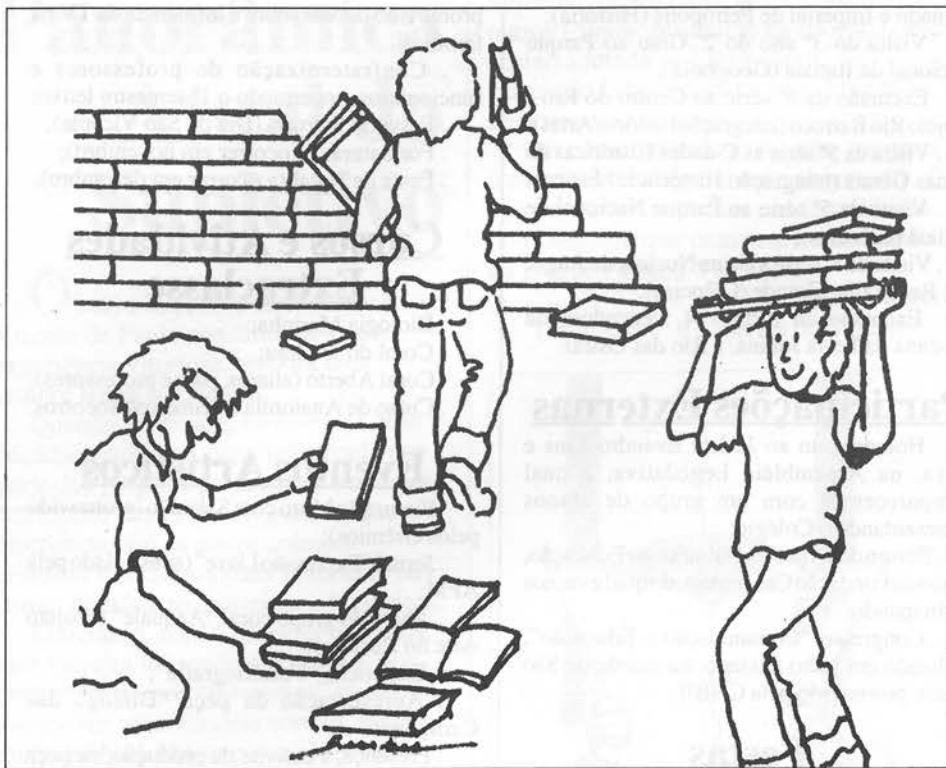
O desempenho dos asiáticos em matemática é sempre melhor, nas 1ª, 5ª e 11ª séries. A diferença de desempenho nos testes aplicados se acentua ao longo dos anos escolares. Embora os americanos tenham um desempenho melhor em leitura no primeiro ano, no quinto ano esta situação já se apresenta revertida. Esta reversão é um indicador especialmente relevante da eficiência do trabalho desenvolvido pelas escolas asiáticas. Especialmente, quando se leva em conta a complexidade da simbologia da comunicação escrita (caracteres)

utilizada nos países orientais.

2) A organização das atividades escolares - Ao contrário do estereótipo popular, que atribui o desempenho dos estudantes orientais a crianças angustiadas, submetidas à imposição de tarefas de memorização e a uma sobrecarga de trabalho descomunal e monótona, constatou-se que as crianças asiáticas mostravam-se extremamente motivadas para aprender e que as práticas de ensino, utilizadas nas escolas, eram criativas e despertavam o interesse dos alunos. Stevenson comenta: "O conhecimento não é imposto às crianças. Ao contrário, os alunos são induzidos a construir os seus próprios caminhos de representar o conhecimento. As longas jornadas escolares diárias são entremeadas por vários recessos (recreios). Sendo estes recessos relacionados à motivação para a atividade acadêmica." Esta prática ajuda a criança a manter a atenção durante os períodos de atividade formal em sala de aula e torna o aprendizado mais fácil e divertido.

3) O papel da família na predisposição das crianças para aprender - A conscientização de que algo não vai bem: Mais de 80% das mães americanas entrevistadas expressaram um acentuado grau de satisfação com a escola dos filhos. Estas mães mostraram-se aparentemente muito impressionadas e surpresas com as críticas que vêm sendo feitas, recentemente, ao sistema educacional dos EUA. Elas acreditam, sempre, que os seus filhos não poderiam ser englobados nos resultados das avaliações realizadas, que mostram, por exemplo, que mais de 50% dos americanos de 16-17 anos





de idade não são capazes de calcular uma porcentagem e compreender seu significado. Estes resultados, no seu entender, só se aplicariam aos filhos dos outros. As mães americanas acreditam que a motivação e o desempenho dos filhos no período da infância e adolescência deve estar voltado para vários objetivos e que o bom desempenho escolar é mais um destes objetivos. As mães asiáticas, ao contrário, afirmam, repetidamente, que a principal obrigação de seus filhos é apresentar um bom desempenho escolar. Consideram, também, que é parte de sua tarefa como mães fazer todo o possível para que seus filhos sejam bem sucedidos na escola. Elas consideram uma boa educação, como fator fundamental para o futuro das crianças.

4) Os valores da sociedade - A importância relativa que se dá aos "dons natos" da pessoa, está presente na sociedade americana, expressa na crença, de muitos, de que não vale a pena esforço acadêmico adicional com crianças de, presumida, pouca habilidade individual (inteligência). E, também, pelo mesmo viés, acredita-se que os bem dotados não precisam fazer muita força para aprender. Em contraposição, nas

sociedades orientais, as diferenças individuais são menos enfatizadas e se coloca grande importância no esforço e na diligência, para o desenvolvimento do ser humano. O maior apego à obtenção de bens materiais é, também, exemplar das diferenças de valores prevalentes nas sociedades ocidentais e orientais. A seguinte situação foi apresentada para as crianças: Vamos supor que exista um mágico que possa realizar um desejo seu. Qual seria o seu desejo? Os desejos mais frequentes se situaram em quatro categorias: dinheiro; objetos materiais como brinquedos; fantasias, como querer ser mandado à lua ou poder ter mais desejos atendidos e aspirações educacionais, tais como ter bom desempenho na escola e ir para a faculdade. Quase 70% das crianças chinesas centraram seus desejos na educação. Já as crianças americanas apresentaram maior interesse em receber dinheiro e bens materiais. Menos de 10% das crianças americanas expressaram desejos relativos a aspirações educacionais. (Qual seria o resultado com nossas crianças?).

5) As condições de trabalho do professor - O bom desempenho dos

estudantes asiáticos é favorecido pela grande atenção que os professores podem dispensar ao preparo para ensinar. Na verdade, uma das maiores diferenças entre os sistemas educacionais oriental e ocidental, está na "disponibilidade de tempo" dos professores. Os professores de Pequim são responsáveis por, no máximo, três horas/dia de atividades em sala de aula. Situação semelhante, encontra-se no Japão e Taiwan, onde os professores têm menos de 60% de seu tempo na escola comprometido com atividades de sala de aula. Deste modo parte significativa do trabalho na escola é voltada para a preparação de aulas; discussões entre os professores acerca dos conteúdos a serem trabalhados e, acerca dos métodos e meios instrucionais. Neste trabalho, os mais experientes atuam orientando os mais novos. Um grupo de professores pode passar horas preparando uma única aula ou estruturando a apresentação de conteúdos, que resulte num melhor aproveitamento da aprendizagem pelos alunos. Os professores americanos e, também, os nossos professores têm, como tempo de preparo para as atividades didáticas, as noites, os fins de semana e os recessos escolares. Ou seja, a estruturação institucional da educação, nos moldes presentes, destina muito menos tempo e importância para organizar o ensino.

Deste modo voltamos ao nosso título. Acredito que a valorização do ensino pelas famílias passa pela conscientização das crianças de que **aprender é dever do aluno**. Paralelamente, é necessário vincular a valorização do trabalho do professor a uma reorganização institucional que resulte na definição de que **organizar o ensino é tarefa do professor**. Porém, tais metas, somente poderão ser alcançadas, caso a sociedade supere o plano das boas intenções e, através de suas instituições públicas e privadas, destine recursos financeiros que viabilizem o engajamento, de fato, de pais e professores na educação das futuras gerações.

Paulo dos Santos Rodrigues
(pai de aluno)

Coordenação Comunitária em ação

O primeiro motivo deste artigo reside no fato de que nada do que fizemos, foi feito só por nós da Coordenação Comunitária. Assim, apresentar este "relatório de atividades", é uma forma de agradecer a todos os que se esforçaram em suas tarefas, a cada evento: alunos, pais, professores funcionários, ex-alunos, voluntárias, padres, diretores... Tudo o que se vê abaixo contou, aqui e ali, com a participação dessa gente.

O segundo motivo está na constatação de que, muitas vezes, atingimos apenas uma parte da comunidade educativa. E seria muito importante que os demais soubessem o que se passou. Deste modo, queremos chamar a atenção (e, quem sabe, trazer outras pessoas a participarem) para a "efervescência cultural" que presenciamos no Colégio. A nova Lei de Diretrizes e Bases, a ser votada no Congresso Nacional, privilegia, em vários aspectos, as atividades culturais na Escola. A Igreja, em seu Documento de Santo Domingo, reconhece que, ou se evangeliza a cultura, ou não se conseguirá evangelizar.

É por aí que queremos caminhar! De modo particular porque, no São Vicente, não temos um "Departamento Cultural", mas uma Coordenação Comunitária, que busca, através de todos esses meios, aumentar o senso de comunidade entre nós.

Excursões

- . Visita da 7ª série ao Museu Nacional da Quinta da Boa Vista (Ciências);
- . Semana Santa no Caraça (alunos, professores, ex-alunos, pais, funcionários e amigos);
- . Visita da 5ª série à Fundação Oswaldo Cruz (Ciências);
- . Visita da 6ª série aos Museus do Primeiro

- Reinado e Imperial de Petrópolis (História);
- . Visita do 3º ano do 2º Grau ao Parque Nacional de Itatiaia (Geografia);
- . Excursão da 5ª série ao Centro do Rio - Projeto Rio Barroco (integração História/Artes);
- . Visita da 5ª série às Cidades Históricas de Minas Gerais (integração História/Ed.Física);
- . Visita da 5ª série ao Parque Nacional de Itatiaia (Ciências);
- . Visita da 8ª série à Usina Nuclear de Angra dos Reis e Ilha Grande (Ciências);
- . Excursão da turma 74, vencedora da Gincana da Festa Junina, a Rio das Ostras.

Participações Externas

- . Homenagem ao Jurista Evandro Lins e Silva, na Assembléia Legislativa, à qual comparecemos com um grupo de alunos representando o Colégio;
- . Fórum dos Agentes Culturais na Educação, órgão da Fundação Cesgranrio, do qual estamos participando;
- . Congresso "Comunicação e Educação", realizado em julho passado, na cidade de São Paulo, promovido pela CNBB.

Festas

- . Churrasco de Reencontro - alunos que terminaram o 2º Grau em 1992;
- . Aniversário do Colégio (quando foi



Sergio Abla (pres. da APM) e Artur Motta (Coord. Comunitário) em visita ao Morro do Cerro-Corá

promovido debate sobre a influência da TV na família);

- . Confraternização de professores e funcionários, encerrando o 1º semestre letivo;
- . Festa do Patrono (Dia de São Vicente);
- . Formaturas (a ocorrer em novembro);
- . Festa de Natal (a ocorrer em dezembro).

Cursos e Atividades Extraclasse

- . Biologia Marinha;
- . Coral do 2º Grau;
- . Coral Aberto (alunos, pais e professores);
- . Curso de Anatomia e Primeiros Socorros.

Eventos Artísticos

- . Pintura do Muro com Sabadão (promovido pelos Grêmios);
- . Jornal "Expressão Livre" (subsidiado pela APM);
- . Show do grupo coral "Aequale" (Projeto Arte no Recreio);
- . Exposição "FotoRiografia";
- . Apresentação da peça "Diálogo das Carmelitas";
- . Presença, a convite da produção, na peça "Mimi, uma adorável doidivanas";
- . Semana Cultural (promovida pelos Grêmios);
- . Projeto "Rock'n Concert in Tour", da gravadora Warner;
- . Encontro de Corais
- . Presença na peça "Verso e Reverso", com textos de José de Alencar, na Casa de Rui Barbosa.

Debates e Palestras

- . A Influência da TV na Família (juntamente com a APM, por ocasião do aniversário do Colégio);
- . Palestra do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho (promoção do Curso de Política, da cadeira de ICH - 2º Grau);
- . Debate "Justiça e Sociedade" (promoção do Curso de Política, da cadeira de ICH - 2º Grau).

Ação Social

- . Continuidade das obras do Posto de Saúde na comunidade do Cerro Corá;
- . Participação no "Comitê Graúna", de Combate à Fome e superação da miséria;
- . Participação no "Núcleo de Formação Profissional", que iniciou com a oficina de Corte e Costura, profissionalizando pessoas carentes do bairro;
- . Tarde de Sorteios, Jogos e Brincadeiras buscando levantar recursos para as obras sociais do Colégio;
- . Maior participação junto às Voluntárias da Caridade, buscando torná-las mais "visíveis" com sua ação, no dia-a-dia da Escola.

Prof. Artur G. C. da Motta
(Coordenação Comunitária)

Panorâmica Atual do Supletivo

O curso Supletivo no Colégio São Vicente de Paulo constitui, hoje, uma experiência vitoriosa, embora nem sempre tenha sido assim.

Quando foi criado, há cerca de duas décadas, enfrentou certa resistência por parte dos próprios professores e oposição dos alunos das classes regulares, que discriminavam os novos colegas oriundos das classes mais humildes, tais como: domésticas, porteiros e faxineiros.

Entretanto, com o decorrer dos anos, essa barreira foi sendo quebrada e, aos poucos, os alunos "diferentes" passaram a conviver normalmente com os demais, muito embora não se possa alimentar ilusões, uma vez que o Curso registra as costumeiras deficiências observadas em tal tipo de ensino. Devemos reconhecer que, em nosso Colégio, os alunos, apoiados por uma equipe de professores dedicados, vêm conseguindo alcançar a meta final, aparentemente intransponível, embora poucos sejam bem sucedidos.

A evasão continua sendo muito alta, situando-se em torno de 80%, aproximadamente.

De acordo com os dados disponíveis mais recentes, matriculam-se, em média, anualmente, cerca de 300 alunos, provenientes, principalmente, do Nordeste, com apenas 20% chegando à 8ª série. A explicação desse resultado reside no fato de a maioria ser obrigada a trabalhar de dia para ajudar no orçamento familiar.

Cabe ainda salientar que vem ocorrendo uma mudança no perfil das classes, antes, constituída, em grande parte, por adultos e, hoje, integradas por adolescentes face às dificuldades encontradas pelos pais de pagar um curso regular, obrigando esses jovens a procurar emprego para se manterem.

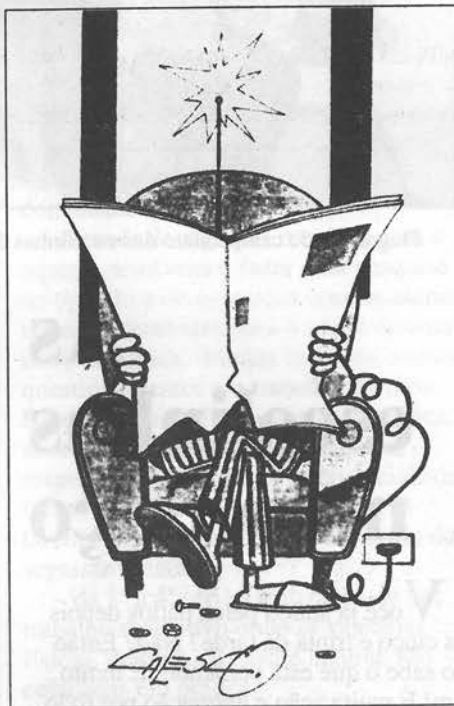
Assim, apesar das módicas mensalidades cobradas (10% do salário mínimo), a maioria dos alunos encontra certa dificuldade para pagar o Curso, visto que grande parte ganha entre um e dois salários mínimos.

O comportamento do aluno do nosso

Supletivo difere bastante da maioria dos outros Cursos, resultante da filosofia de ensino adotada no São Vicente, a Educação Libertadora ou seja, liberdade com responsabilidade.

Em consequência disso, cabe registrar o excelente relacionamento observado entre as diversas turmas nas festividades do Colégio, o que demonstra a formação da grande Família Vicentina.

Terezinha Cunha
(Profª das 1ª e 2ª séries do Supletivo)



Linguagem e Comunicação

Já é de todos sabida a importância que vêm assumindo os meios de comunicação na sustentação e reprodução do mundo contemporâneo. Justamente em função desta necessidade da nossa "aldeia global", algumas vezes vêm-se levantando há tempos no sentido de alertar para o quanto é inevitável - já que não podemos negar, simplesmente a "mídia" - conhecê-la de perto. Em especial, nos meios educacionais se aponta um fundamental interesse no que vem se chamando "leitura crítica" dos meios de comunicação, inclusive com efeitos na elaboração da própria LDB.

Em concordância com esta avaliação e como resultado de algumas reflexões que venho fazendo desde que o Colégio São Vicente me possibilitou fazer um curso promovido pela AEC (Comunicação e Educação), veio-me a idéia de escrever este artigo.

Em primeiro lugar, falar em comunicação implica quase que necessariamente tomar, como pressuposto, algumas idéias relativas à linguagem - instrumental indispensável para atualização daquela faculdade.

Não só se entenderá, aqui, a linguagem como tudo aquilo que serve para expressar idéias, sentimentos etc. (a linguagem científica, a do olhar ...), mas também a linguagem como um conjunto de sinais que significam e que mantêm entre si relações formais que compõem um sistema coerente. Neste sentido, concorrem para o domínio de uma linguagem o reconhecimento e a manipulação de tais traços formais, com vistas à sua produção, ainda que esta manipulação se dê de maneira inconsciente. Na "produção" da língua portuguesa, p.ex., um falante nativo poderia efetuar uma comunicação dentro desta modalidade de linguagem (a verbal), ao falar, em oposição a "o biscoito ruim, "a comida ruinha", uma vez que já apreendeu o "morfema gramatical" específico do femi-nino, sua posição na palavra, o momento de sua inserção em concordância com outras palavras etc. Óbvio está que sua aprendizagem ainda há de passar por uma série de aperfeiçoamentos para sua melhor adaptação na comunidade de falantes, com vistas ao domínio do registro dominante etc.

Como professor de língua e literatura, venho, em muitos momentos, norteando meu trabalho com os textos dentro deste enfoque, se aqui considerarmos que os diversos tipos de textos fundamentam-se em traços formais específicos que os identificam como um tipo especial de linguagem. Assim, o texto jornalístico, o literário (e, dentro deste, o poético, o narrativo etc.), a receita de bolo, a bula de remédio, enfim, estas diversas "linguagens" possuem uma organização específica que cabe revelar. A própria realidade dos fatos gramaticais em muito faz presença neste estudo. Como exemplo, posso citar a objetividade (tantas vezes impessoalidade) das notícias jornalísticas, quando lançam mão da 3ª pessoa gramatical ou de construções em que o agente da ação

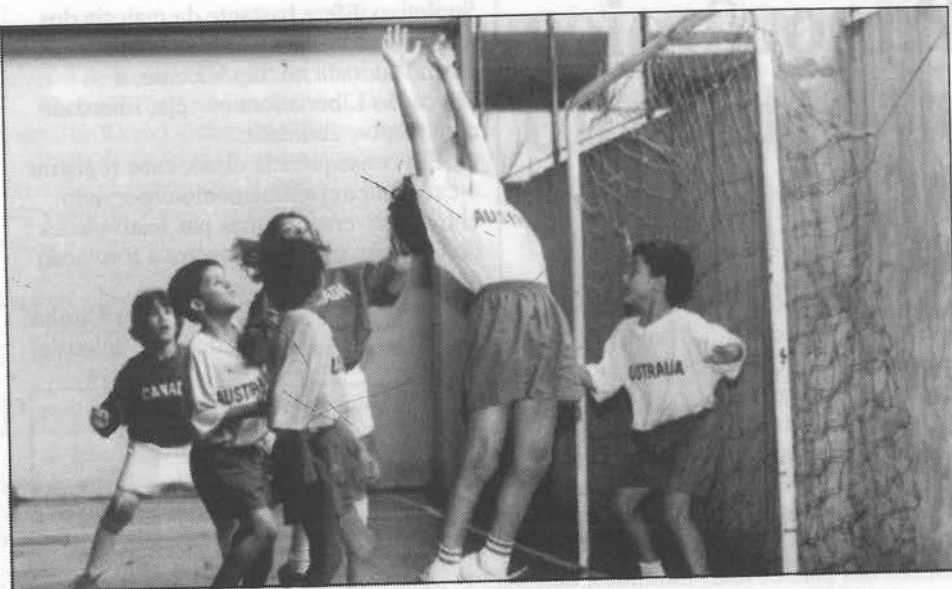
verbal é omitido: "Descobriu-se que...", "Não se admite que..." etc.

Busca-se, assim, perceber os efeitos expressivos que cada linguagem especial pode assumir a partir das "regras" que sustentam seus componentes internos, suas relações, sempre em consideração a uma realidade cultural que ela visa produzir e reproduzir. Fundamental, nestes estudos, é perceber os limites e possibilidades de cada linguagem, relativizá-la historicamente, sempre que possível, revelar seus conteúdos ideológicos, juntamente com as transformações por que vem passando, a fim de que o aluno não pense que tem ali, diante de si, um instrumento imutável ou que pretenda ser universal, mas o veja como reflexo inevitável da cultura humana acumulada. Se transpusermos estas questões para terrenos outros, como o das Ciências (naturais e sociais) e das Artes, considerando-os, também, como campo de saber que visam estabelecer uma "comunicação" com a realidade, utilizando-se de uma linguagem apropriada, percebemos a importância que assumirá novamente aquela "leitura crítica".

Aqui, então, passo a incluir propriamente a "mídia" enquanto detentora de uma das linguagens que mais se vem destacando em relevância para a "leitura" da realidade feita pelo homem pós-moderno, de tal forma que já se fala na cultura do "simulacro" que, em grande parte, é criada pela avançada tecnologia dos meios de comunicação de massa, que, "duplicando" a realidade, fazem dela um "produto" menos sedutor ou mais dispensável, se confrontada com as imagens globais projetadas.

Neste sentido, vejo como fundamental o fato de o Colégio São Vicente - dentro da perspectiva crítica que assume e visa difundir - já estar promovendo através do ICH (com o Prof. Artur) estas discussões. Ao meu ver, é conhecendo as linguagens dominantes da sociedade, através de seus traços formais específicos, e caminhando na perspectiva de sua "leitura crítica", que poderemos transformar a opressão e a alienação humanas que se legitimam ou mesmo se constituem justamente no terreno da linguagem. Fundar um novo tempo é emitir uma Nova Palavra que consiga atingir o outro na sua dimensão humana.

Prof. Rogério Forti
(Port. e Liter. - 1º e 2º Graus)



Flagrantes do campeonato das escolinhas de futebol de salão (fotos acima e abaixo)

As escolinhas no pedaço

Você já andou pelos pátios depois das cinco e trinta da tarde? Não? Então não sabe o que está perdendo. É muito bom! É muita ação e animação por todo canto!

Os miúdos do futebol de salão, todos sentados no chão, olhinhos no professor, mal se contendo em ficar ouvindo as orientações finais, correm para seus postos e... a bola rola. E que raça!

Já o Mestre da capoeira faz, com cuidado, os passos, incentivando os pequenos. Logo se vêm os pezinhos rodando pelo ar. Parecem uns gatinhos macios e fofinhos, ariscos e valentes repetindo seus passos treinados.

No outro lado, descobre-se a graça das moças de corpo bonito, nas blusas soltas, treinando passos esquisitos, largando ao vento seus cabelos lindos. E o berimbau chora, lamenta e elas gingham, balançam, rodípiam, avançam, recuam. É a poesia da capoeira que, também, os rapazes declamam com vigor

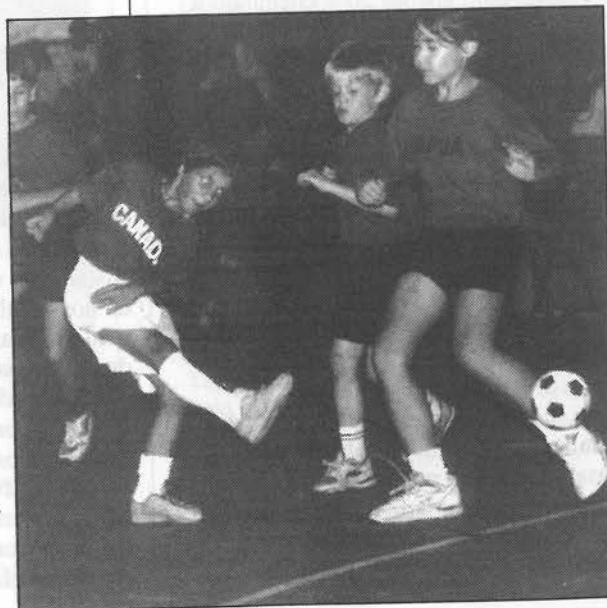
e virilidade.

Lá em cima, no ginásio, se discute se foi fora ou não. O silvo do apito lembra regras, linhas. Rápida, ágil e contagiante. É assim a escolinha do vôlei. E a equipe se congratula, batendo-se nas mãos, sussurrando o novo código da próxima estratégia, buscando, a seguir, seus postos. Dá vontade de ficar olhando e torcendo.

De todos os grupos a Vida irradia com força e pujança que só a juventude possui de sobra.

Queira Deus saibam estas crianças e jovens valorizar a prática do esporte como fonte de Saúde pela Vida afora.

Profª Marlene L. Bluhm
(Coord. Extraclasse - 1ª a 4ª série do 1º Grau)



Teatro dos "baixinhos" do SVP

Esperar pelo Prof. Lauro já é motivo de alegria e brincadeira no 4º andar.

As meninas esnobam suas gracinhas e com passinhos muito femininos, já os garotos correm e fazem estrelas no espaço, perguntam cinco mil vezes pelo Lauro.

Quando ele aparece, a turminha o rodeia, pergunta um montão de coisas ao mesmo tempo e, saltitando, se dirige ao auditório.

O que acontece depois, só eu sei, porque fiquei olhando pela frestinha da porta.

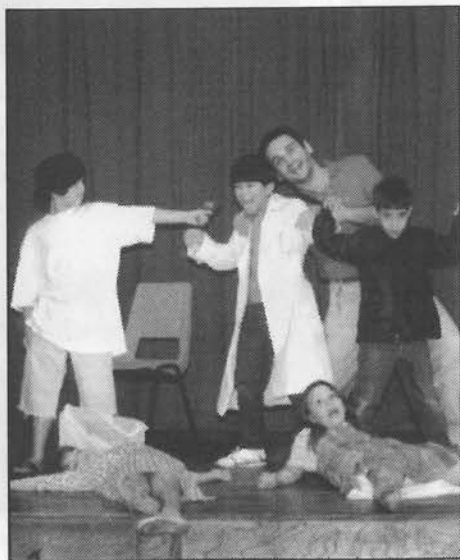
Cada aula é diferente. As crianças fazem teatro com seriedade.

Agora, no final do ano letivo, os baixinhos vão se apresentar para os coleguinhas, pais, professores e amigos.

Sempre sai tudo tão bonito! Também, as mães ajudam, costurando. O Lauro passa os domingos desenhando os cenários. Há professoras que se engajam, dando uma mãozinha preciosa.

Estou curiosa para assistir às peças deste ano e doidinha para ser convidada para o churrasco de encerramento. Este ano vai ter? Espero que sim! E que me convidem!

Profª Marlene L. Bluhm
(Coord. Ativ. Extraclasse - 1ª a 4ª série)



Educação Física - Uma nova perspectiva

Ao assumir a Coordenação de Educação Física, no final do ano de 1988, sabia das dificuldades que encontraria no novo cargo. Era um desafio e muitas conquistas deveriam ser feitas. Ela estava desprestigiada e precisava conquistar seu espaço.

Através de algumas reuniões com a equipe, resolvemos fazer uma pesquisa de opinião e de sugestões com os alunos, traçando diretrizes para o início de uma nova dinâmica. Muitas reuniões, muitos questionamentos e o trabalho decolou. Baseados numa fundamentação teórica, alicerçados pela nossa experiência, respeitando os aspectos psico-sociais das faixas etárias e na prontidão para as tarefas, organizamos nosso currículo da seguinte maneira:

- da 1ª a 4ª série - realização de um trabalho recreativo onde as valências físicas, de forma bastante natural, são colocadas em prática.

- da 5ª a 8ª série - conseguimos, junto à Coordenação, um horário mais adequado que possibilitasse o trabalho de iniciação desportiva. Começamos um verdadeiro trabalho de base onde os desportos, de forma gradativa e crescente, vão sendo apresentados aos alunos. Nossos objetivos compreendem uma massificação dos fundamentos desportivos, na qual todos os alunos trabalham os gestos, as regras básicas, uma noção tática e a prática, propriamente dita, dos seguintes desportos coletivos: Basquete, Vôlei, Handebol e Futebol.

- no 2º Grau - os alunos, já possuindo uma experiência adquirida no 1º Grau, optam pela atividade que desejam praticar e se especializar. Essa possibilidade existe, em virtude de nossas aulas serem realizadas em horário especial, após as aulas acadêmicas. Conquistamos, também, um horário de treinamento das equipes (1 tempo de 45 minutos por semana para cada desporto); é pouco mas, é quando se forma a elite

desportiva que irá competir e representar o Colégio nos jogos amistosos, campeonatos ou torneios para os quais somos comunicados ou por nós são organizados.

Sabíamos que os resultados deste trabalho levariam algum tempo para frutificar, pois as dificuldades seriam inúmeras: turmas grandes e mistas, carga horária reduzida, complexo desportivo nem sempre atendendo às necessidades, horário de treinamento insuficiente para o 2º Grau e inexistente para o 1º Grau mas, com muita garra, "fomos à luta". No decorrer destes anos já temos colhido muitos frutos a saber: as boas colocações de nossas equipes nos últimos "Jogos Intercolégiais O Globo Dan'up", as boas participações em todos os torneios para os quais fomos convidados, as vitórias expressivas no "1º JEL" (Jogos Estudantis de Laranjeiras), realizado no final de 1992, onde obtivemos o 1º Lugar nas 4 modalidades disputadas. Este ano, no entanto, os sinais foram mais evidentes: o grande sucesso na participação do "Torneio 60 anos do Colégio Notre Dame", ganhamos medalhas em quatro das cinco categorias disputadas. A grande campanha do Basquete que foi Medalha de Bronze no "XI Intercolégial" e os resultados expressivos do Handebol com a classificação de 3 equipes para as finais, sendo que a categoria "Jovem Feminina" conquistou, de forma brilhante, a Medalha de Bronze. Ainda teremos a participação das equipes de Vôlei. Posso afirmar, com grande satisfação, que o São Vicente, hoje, faz parte de uma elite desportiva do Rio de Janeiro e precisamos continuar com o apoio das Coordenações, da Administração e da Direção do Colégio para continuarmos crescendo e temos muito ainda para crescer.

Além destes eventos externos, ressalto a realização anual de nossa "Olimpíada Interna", pela qual temos um carinho muito especial, porque é nela que contamos com a presença de um contingente muito grande de alunos. Nela, também, fazemos a culminância da Educação Física no ano letivo, quando os alunos demonstram toda a evolução tática e técnica conseguidas desde o início das aulas, além do espírito de equipe, cooperação, solidariedade etc...

Tenho clareza que a elitização só se consegue com um alicerce bem sólido, sendo, portanto, nossa prioridade o

trabalho de boa qualidade com a totalidade de nossos alunos. É muito importante que eles sintam a necessidade de o ser humano ter domínio dos movimentos de seu corpo. É nosso desejo que as atividades recreativas e desportivas contribuam para que as crianças e jovens se tornem mais felizes, através de situações que proporcionem prazer, favorecendo, assim, a adquirirem equilíbrio emocional. Acreditamos que as relações sociais estabelecidas em nossas atividades são grande contribuição para o caráter dos alunos. Desta forma conseguiremos estabelecer integração entre os domínios físico, cognitivo, social e afetivo tão necessários à educação de todos.

Sabemos que, em qualquer trabalho educativo, só é possível obter algum resultado positivo a médio ou a longo prazo.

Agradeço à minha equipe (professores de muita capacidade e dedicação) pela evolução já conseguida. Tenho plena convicção de que, em pouco tempo, a Educação Física atingirá nível relevante no nosso sistema educacional.

Prof. Paulo P. Nascimento
(Coord. Educ. Física)

Abaixo transcrevo o texto do Prof. João Batista Freire (Psic. Escolar-USP; Prof. da Fac. Educ. Física-UNICAMP)

"Pelo corpo também se aprende a ler

A criança é uma liberdade se construindo, mas o adulto não é uma liberdade acabada. Nem poderia sê-lo. Pelo menos poderia ter mais cara de liberdade. Talvez sua infância tenha sido pouca.

Falo de liberdade e me vêem imagens. Vejo uma rua, garotos correndo, meninas pulando corda, gritos, gargalhadas... Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua. Para sempre? Eu sonho com as ruas cheias delas. É perigoso, dizem: violência, drogas... E nós, adultos, quem nos livrará do perigo urbano? De quem serão as ruas? Da polícia e dos bandidos? Vejo por outro ângulo: um dia devolver a rua às crianças, ou devolver a criança às ruas; ficariam, ambas, muito mais alegres.

Escolas também podem ser tristes, até perigosas. Na escola de dia inteiro, que a violência que assisto me faz engolir, é preciso confiar plenamente no Estado. Eu não me arriscaria. A escola



Abertura das Olimpíadas do SVP, com o Juramento orientado pelo prof. Paulo



de dia inteiro é um paliativo ou é definitiva? Não será suficiente para o Estado, que sofre de insônia, mas sonha com um Admirável Mundo Novo. Alunos ou clones?

Outros tipos de imagens, com um pouco de esforço, a gente pode formar. Imagens de crianças correndo, pulando, brigando até, dentro da escola. Mas, onde? Na sala não, que é lugar de silêncio. No pátio? No pátio sim, na hora do recreio, na hora de recriar tudo de novo o que o Criador já criou. As crianças brincam de criar de novo, do jeito da fantasia. E na aula de Educação Física? Afinal, é o espaço da liberdade do corpo, do gesto, do som. Mas na aula de Educação Física também não pode, porque aula é aula e não lugar de se mexer, de fazer

bagunça.

Mas, falemos um pouco de pedagogia. Pelo ouvido também se aprende, desde que existam sons. Quem aprende tem de ser provocado. Nada provoca mais a criança que o movimento, a luz, o som, as cores. Pelo salto, como pelo abraço ou a brincadeira, também se aprende. Concordo que o estudo, tanto quanto o trabalho, é coisa séria. Coisa séria, não sisuda.

Abaixo a metodologia do traseiro. Há séculos que a escola, essa velha senhora, insiste na tese de que a criança tem que ficar sentada o tempo todo para



Disputa no vôlei nas Olimpíadas

aprender. Aliás, para aprender o quê? Essas coisas bonitas que a gente vai criando no pensamento é porque fica o tempo todo sentado, fazendo lição? E aquela vida lá fora, de barulho, de confusão, é outra vida, que não faria parte dessa mágica de aprender?

Um dia decretaram que meu filho, aliás, todos os nossos filhos, já não aprenderiam com o corpo inteiro. Aos sete anos de idade eles iriam para a terra da imobilidade, para se preparar para a vida. Seriam três a quatro horas por dia presos a pequenas carteiras, durante anos sem fim. Mas, o que é que eles fariam com tudo aquilo que aprendiam por aí, com os amigos, o pai, a mãe, os brinquedos, até com a televisão? O que fazer com os gritos, o choro, o sofrimento físico e o riso? É preciso fazer uma desinfecção de vida para aprender português e matemática?

Pelo corpo também se aprende a ler. Porque é tudo mentira que a gente só aprende se ficar quietinha, sentada na carteira, sem falar, sem ver, sem ouvir. Criança é movimento, é ação corporal, muito mais que reflexão. Não há pensamento que se forme que não passe pelo gesto. A vara de condão dessa mágica chamada conhecimento é o corpo. É pela ação corporal que a criança conhece o mundo. É a ação corporal que ela transforma em símbolos, em linguagens, em raciocínios. É preciso se mexer, para viver, para aprender, para criar. Os adultos se escandalizam com crianças trancadas em apartamentos, mas não se escandalizam com crianças trancadas em escolas. Está certo que a prisão da carteira é muitas vezes atenuada por umas figuras maravilhosas que a gente chamava de professora e agora chama de tia. Mas, essas professoras seriam tão mais professoras, e as tias tão mais tias se não participassem do complô contra o direito humano da criança de viver seu corpo! Bem na hora em que ela começa a deixar de ser o centro, quando começa a ser sociedade, a sociedade começa a confiná-la em espaços individuais - o adulto que não suporta se mexer, "educando" a criança que não suporta ficar parada. Não haveria uma outra relação possível? Não haveria uma outra forma de educar? Há pessoas que defendem uma educação, inclusive uma Educação Física, feia, chata e triste. Não me incluo entre elas. Nunca esqueci da minha primeira professora, mas também

*não esqueci da alegria que sentia quando batia o sinal da saída. Será que a escola não tem inveja da hora do recreio? Será que não sente inveja da alegria louca da criança quando bate o sinal? Sinto dizer, e é mais para quem gosta de cinema, mas, às vezes, acho a escola muito parecida com a Velha Morla, a tartaruga do filme *A História Sem Fim*."*

A História viva para o 2º Grau

A 5ª vem mantendo um conteúdo programático voltado para o Brasil na área de História. Esta escolha complementa uma sequência dos conteúdos de Estudos Sociais ainda no primeiro segmento do 1º Grau que, partindo do reconhecimento do núcleo familiar, segue com a história do bairro e, posteriormente, busca o conhecimento da cidade.

Particularmente, em nosso colégio, todas as fases acima, sempre que possível, contemplan duas etapas: uma teórica e outra de vivência concreta através de visitas. O objetivo é possibilitar aos alunos estabelecer, por si próprios, a relação entre o conteúdo teórico e o real, ou seja, a construção histórica-geográfica.

Nesta linha de trabalho, realizamos, em agosto passado, uma excursão às cidades históricas mineiras, com os alunos da 5ª série do 1º Grau.

Naturalmente, esta excursão tem algumas finalidades pre-estabelecidas. Em linhas gerais, destacaríamos":

- proporcionar aos nossos educandos a oportunidade de observarem "in loco" os conteúdos acerca do surgimento da Arte Barroca, no Brasil;

- relacionar a Arte Barroca com o projeto da

- Colonização;

- perceber a transição de uma economia eminentemente agrária (o açúcar), para uma economia urbana (o surgimento das cidades históricas;

- perceber a transferência de uma economia no litoral para a interiorização do país;

- compreender que, a partir da descoberta das "minas gerais", em fins do século XVII, realiza-se o grande ideal mercantilista na colônia portuguesa, ou seja, o Brasil.

Além destes objetivos de caráter programático, entendemos que uma excursão é sempre oportunidade para estimular o entrosamento entre alunos das diferentes turmas.

Este tipo de atividade extraclasse tem sido por demais enriquecedor. É oportunidade para avaliarmos o trabalho construído, ao longo do tempo; isto pressupõe o esforço das famílias, a influência filosófico-educativa da Escola, o trabalho dos professores e o interesse dos alunos.

Este ano, o que concluímos desta excursão foi gratificante. Viajamos com alunos constantemente alegres, participantes e responsáveis.

Várias foram as situações para aquilatarmos o trabalho educativo: cada aluno tornou-se responsável por: sua bagagem, seu dinheiro, o cumprimento dos horários, o "self service" nos restaurantes, o respeito aos guias do Colégio, aos locais, aos colegas e, finalmente, pelo interesse e participação em cada lugar visitado.

As opções de visitas foram bem diversificadas: o Museu de Mineralogia, a Casa da Moeda, a Mina de Chico Rei, várias Igrejas Barrocas, Feira de artesanato, em Ouro Preto. Em especial, destacaríamos a extraordinária Mina de Mariana, além de Os Profetas e a Via Crucis, obras de Aleijadinho, em Congonhas do Campo.

O retorno positivo do nosso trabalho transpareceu, a todo instante, nos inúmeros elogios ao grupo como um todo (alunos, professores, colégio), por onde passávamos. Houve um despertar dos curiosos no hotel, dos guias locais, dos vendedores e outros que nos abordavam surpresos com a harmonia e interesse de toda a garotada.

Fomos e voltamos felizes!

Resposta positiva a cada um de nós, empenhados no trabalho de integração escola-família-sociedade.

Educação é, pois, o empenho afinado entre a proposta educacional da Escola com o interesse dos pais e o esforço dos alunos.

Sob este prisma, alcançamos o que pretendíamos.

Profª Maria Margarida Cardoso
(História - 5ª série do 1º Grau)

Austregésilo de Athaide Padrinho da Primeira Hora

Às 16 horas de 14 de setembro de 1993, muita gente ilustre comparecia ao Cemitério São João Batista para o último adeus ao Imortal Presidente da Academia Brasileira de Letras, Belarmínio Maria Augusto Austregésilo de Athaide, falecido na véspera. Lá estavam também, em nome da gratidão, o Pe. Almeida, e o atual Presidente da Associação de Pais e Mestres, Dr. Sérgio Abla. Eles se tinham feito preceder por uma coroa de flores, explicitando os sentimentos de nossa Instituição a cujos primeiros momentos Austregésilo deu presença indispensável, dedicada e eficaz

Não poderia faltar, entre as páginas deste número de **A CHAMA**, a complementação àquela primeira homenagem póstuma.

Solicitado por via telefônica, o Pe. Joaquim da Silveira Horta, construtor e 1º Diretor do Colégio (86 anos no dia 25 de outubro), nos enviou logo a sua visão sobre a parte do Dr. Austregésilo na gestação da grande idéia de que resultou nossa Escola. Eis o texto do Pe. Horta:

“Escolhido pelo Pe. Salles, então Visitador, para auxiliá-lo na administração da P.B.C.M., só pude transferir-me para o Rio em 1954. Neste ano, me aproximei de Austregésilo de Athaide para, com ele, iniciar as tentativas de formar, no Rio, a Associação dos Ex-alunos dos PP. Lazaristas.

Convidado, fui jantar com ele, em sua casa, no Cosme Velho. Foi um encontro muito agradável; expus-lhe as minhas idéias e pretensões, pedindo-lhe opinião e ajuda para a formação da Associação. Por meio dela, buscar-se-ia apoio para a principiante idéia de construir, no Rio, o Colégio São Vicente de Paulo, revertendo a P.B.C.M. aos seus gloriosos tempos de grandes educadores, nos célebres Colégios do Caraça, Petrópolis, Curitiba e em vários Seminários, como o de Fortaleza, onde Athaide fora aluno. A conversa foi longa, agradável e proveitosa. Formamos a lista dos grandes nomes conhecidos, como o Cardeal de São Paulo, D. Carlos Carmelo



Austregésilo em sua última visita ao SVP

de Vasconcellos Motta, D. Hélder Câmara, Juscelino Kubistchek de Oliveira, Cristóvão Breiner, Brigadeiro Eduardo Gomes, Joaquim de Salles, Walter Poyares e muitos outros. Nascendo, ali, a idéia do Colégio, levei-a com o Pe. Salles, Visitador, à apreciação da Assembléia da P.B.C.M., reunida em Petrópolis, 1955. A aprovação foi geral, embora, para muitos, não passasse de uma utopia que nunca seria realizada. E aqui me lembro da construção de Brasília, quando o Congresso aprovou, inclusive com os votos da célebre UDN, apostando no fracasso total de Juscelino Kubistchek...
Fundada a Associação dos Ex-alunos Lazaristas, sob a presidência de Athaide,

começamos a trabalhar. Veio então idéia de um grande almoço no restaurante de “O Globo”, gentileza do Dr. Roberto Marinho, onde reuniríamos os mais célebres ex-alunos lazaristas, tendo à frente o Presidente Juscelino a quem pediríamos ajuda através de um empréstimo que nos seria concedido pelo então IAPC (Instituto dos Comerciantes). Feito o pedido, através de meu modesto discurso, vem a resposta do querido e saudoso Presidente Juscelino, prometendo-nos o auxílio desejado e assinando uma ordem que me

abriria os caminhos difíceis e longos, até chegar à sua realização. Além dos ex-alunos, estavam presentes mestres amados, como Pe. Péronelle, Diretor de J.K. em Diamantina e de Austregésilo em Fortaleza, Pe. Manuel Gonzalez, professor do Brigadeiro Eduardo Gomes em Petrópolis. Herbert Moses que, até a última hora, não acreditava na presença de J.K., depois me chamou de “meu grande General”. Nota-se que “O Globo” era, com a “Tribuna da Imprensa”, o maior jornal de oposição ao Governo J.K. Ali, portanto, no almoço de “O Globo”, nasceu o Colégio São Vicente de Paulo. É a pura verdade; dali em diante, o Dr. Austregésilo passou a ser figura importante e amiga em todos grandes momentos de nosso Colégio, desde a inauguração da Casa Central em 1957, depois, na cerimônia da pedra fundamental, na inauguração, até que, em 1961, com o filho Roberto no Colégio, foi proclamado Presidente da recém-nascida Associação de Pais e Mestres. Em todos os seus discursos, Athaide sempre lembrava, com amor e entusiasmo, os grandes Mestres do Seminário de Fortaleza, exaltando-lhes as qualidades morais e intelectuais, dedicando a um deles, Dom Pio de Freitas - também meu Diretor em Diamantina - um de seus últimos artigos.

Ao Dr. Austregésilo de Athaide rendo, aqui, nossas homenagens de admiração, estima e gratidão desejando à sua alma as bênçãos da misericórdia divina.”

Pe. Joaquim Horta, C.M.

Adeus a Jorge Luiz

Aos 20 de maio de 1993, faleceu, na Clínica São Vicente, da Gávea, o Prof. Jorge Luiz de Souza e Silva, após alguns meses de árdua e infrutífera luta contra um tumor maligno tardiamente diagnosticado.

Professor brilhante de Matemática e Física, Jorge Luiz deu sua imprescindível colaboração a nossa Casa, de 1964 a 1982, quando se aposentou. Aqui, ele foi sobretudo a grande presença no 2º Grau, de que foi Coordenador, animador, orientador pedagógico e, sobretudo, amigo de tantas gerações de jovens...

Espírito aberto, lúcido e crítico - qualidades que conservou até o último suspiro - deixou marcas profundas de que alguns ex-alunos deram testemunho, na missa de 7º dia, que ele desejou fosse celebrada no Colégio, assim como todos os demais ofícios religiosos.

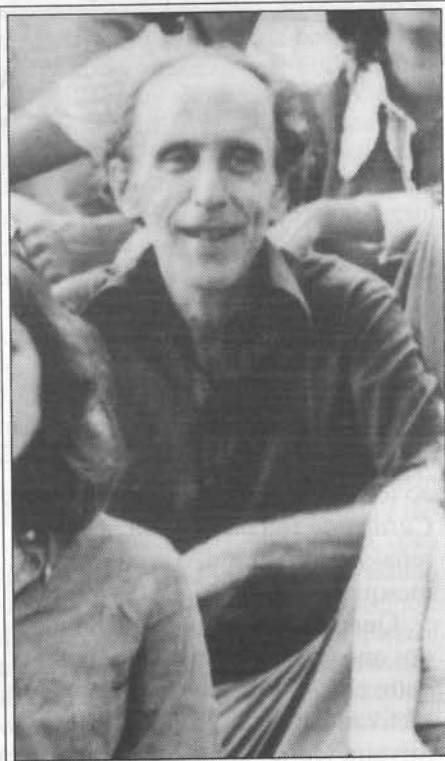
Como homenagem de todos, aqui é transcrita a oração fúnebre do Prof. Marçal Versiani dos Anjos (Prof. de História - 2º Grau) que, como tantos da Casa, foi admirador incondicional de Jorge Luiz.

"JORGE é parte da história do Colégio São Vicente de Paulo, um Colégio de passado curto (34 anos), mas de longa história.

Longa, porque densa. Vive-se mais, vivendo densamente, intensamente. E, assim, se faz mais história, em menos tempo.

Fazer o São Vicente viver mais intensamente foi a principal contribuição do JORGE para esta Casa.

Aqui ele chegou, no segundo semestre de 1964. Discretamente, um professor entre outros - como Sebastião Araújo, como Cláudio Mário, como Pedro Paulo (outro que já se foi faz tempo, a aguardá-lo impaciente, lá no céu, para mais uma partida de xadrez). Mas dava para notar uma coisa, desde o início: Aquele professor discreto era um estudioso; passava suas horas vagas, suas "JANELAS", lendo na biblioteca. Era professor em tempo integral. Era professor à enésima potência, sempre professor. Antes que banalizasse



ou que aviltassem o professor como "Profissional do Ensino", o que cheira um pouco a funcionário impessoal, a burocrata, a corporativo, enfim.

Ser professor em tempo integral foi a maneira escolhida por JORGE, para ser homem. Sua maneira. Diferente da maneira do mano Celso, que se talhou diplomata e se formou naquela escola política que é - ou foi, segundo alguns, o Itamaraty.

Por isso, JORGE foi a unanimidade, quando se cogitou implantar no São Vicente de Paulo o segundo grau completo.

Um segundo grau de qualidade, que permitisse ao São Vicente qualificar os alunos para o vestibular, sem abdicar de sua filosofia própria e missão, em favor do afogadilho dos cursinhos - era o desafio, em 1967.

E JORGE foi o homem desse desafio, quase uma aventura quixotesca então, como o Coordenador do 3º ano, primeiro; de todo o segundo grau, depois; e, enfim, como uma espécie de diretor pedagógico informal.

Foi então que se mostrou líder. Selecionando, com olho clínico, os professores - Eduardo Mota, Matos, de Paula. Conciliando os interesses. Administrando os conflitos, como aqueles que tinham ficado sufocados durante a ditadura e que, assim recalçados, caminharam para se aguçar, depois.

JORGE LUIZ ajudou o São Vicente a ser um Colégio religioso, sem ser clerical; convicto de ser uma escola católica, isto é,

universal, e, justamente por isso, avessa às discriminações, preconceitos e patulhamentos, às vezes compreendidos, como nas cruzadas, em nome da FÉ.

Sem ter jamais profanado o íntimo de sua consciência, posso dizer, sem temor, que JORGE foi um homem de FÉ e CRISTÃO. Só pelo que revelou.

Homem de FÉ, que acreditou no que o São Vicente se propunha, na década de 60, quando não tinha a tradição dos outros colégios, em que se refugiara; só a FÉ; tanto que, como Abraão, o pai dos crentes, entregou ao jovem São Vicente, a formação final de dois filhos - o Celso, que tirou do Santo Agostinho; e a Sílvia, que tirou do Sacré Coeur de Marie, ambos colégios conceituados.

Homem cristão, também.

Um dia, eu me senti em condições de lhe dizer que valores cristãos inspiravam a dedicação absoluta e transparente com que cercavam o outro filho, ele e a Gaby - o Oswaldo. Seu assentimento forma lágrimas nos olhos.

Outro dia, quando em conversa, tentava explicar ao Celso o que Deus podia esperar daqueles que os homens classificam como deficientes, para credenciá-los à bem-aventurança no céu, fui chamado por ele, para repetir-lhe o diálogo. Que, então, passou a ser seu diálogo. E não mais comigo, mas com outro interlocutor de seu diálogo de cristão sem alarde. Ou anônimo.

Um terceiro e último depoimento, sobre a sensibilidade de JORGE aos valores cristãos.

Uma pneumonia o tinha tirado da ativa, durante uns poucos dias. De volta, perguntei-lhe: Como se sente? Está bom, mesmo? Sua reação, imediata, sem outro comentário, foi agradecer a acolhida. Explica-se: A experiência no mundo das relações desumanas de trabalho (que fazem o trabalho ser inumano) o tinha feito esperar por preocupação com o transtorno de sua ausência e por recuperação com os dias perdidos. A alma de cristão o fez apreciar o que fora um simples bom dia, bem-vindo de volta.

Por tudo isso, acredito que essa última vontade de JORGE de ser velado, aqui no Colégio São Vicente foi também um ato de FÉ. Não a reminiscência do passado encerrado com a última batida de seu coração. E sim o desejo da comunhão. Que esta, continua.

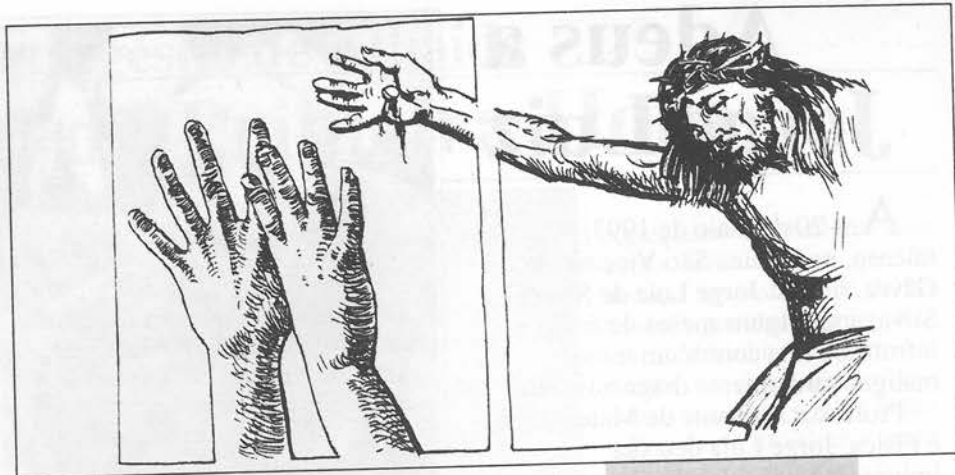
Entre nós e, você, JORGE, não há aquele espaço de suas aulas de Física. Há uma outra dimensão, que não figura nos livros de ciência. A da sabedoria da FÉ; a da comunhão no amor que permanece."

"Se não me falha a memória"

É o título das Crônicas de Joaquim de Salles, publicadas outrora em periódicos e cujo lançamento em primoroso volume aconteceu na tarde de 19 de agosto/93 no Museu de Arte Moderna. Admirei o número e a qualidade das pessoas presentes. Adquiri meu exemplar, gentilmente autografado pelos filhos do autor (falecido em 1962 aos 83 anos) e troquei cumprimentos com alguns conhecidos. Encantou-me a presença de um amigo que, sem ter conhecido o autor ou os locais por ele descritos, ali compareceu atraído pelas referências lidas dias antes em jornais do Rio e São Paulo. As notícias prévias davam-lhe a certeza de que se tratava de ocasião imperdível; isso me estimulou a começar logo a leitura daquelas 560 páginas, que o apresentador Alexandre Eulálio classifica de "memorização urgente, inadiável" e "documento que traduz com vigor, autenticidade e interesse boa parte da mentalidade brasileira do fim do século". (Cf. Introd. págs. 13 e 26). Joaquim de Salles, jornalista e político, mineiro de Serro Frio, caracence de coração, carioca por profissão teve muito a ver com nosso Colégio São Vicente de Paulo, por cuja construção, juntamente com outros ex-alunos vicentinos, batalhou até ver, no início de 1959, o sonho realizado.

Terá seguramente influído para que, àquela data, se transferissem para o São Vicente todos os Sallezinhos, netos e sobrinhos-netos, em idade compatível com nossas classes iniciais, seja, do C.A. a 5ª série.

O que me impressionou nas Memórias, além das minúcias com que descreve cenários e acontecimentos da infância, foi o orgulho filial em relação à família e



ao torrão natal e o afeto ilimitado ao Caraça de sua adolescência, repassado de gratidão pelos mestres inesquecíveis...

Quando os ex-alunos vicentinos dos anos 50 - Joaquim de Salles, entre eles - se dispuseram a apoiar efetivamente o Pe. Joaquim da Silveira Horta, também originário das bandas de Serro Frio, na construção de nosso São Vicente, tinham o pensamento voltado para os grandes Educadores Vicentinos que os havia orientado para a aquisição de ciência e cultura, a vivência dos valores cristãos, assim como para o exercício patriótico da profissão e da cidadania.

Desejava-se um São Vicente à imagem e semelhança do Caraça. e "o Caraça, recorda Joaquim de Salles, era o estudo, a disciplina. Era a conduta exemplar. O único remédio contra aquela pesada solidão, contra o majestoso silêncio daquelas soberbas montanhas era o estudo" (pág. 368).

Quase 7 lustros nos separam do início. Anos de profundas transformações sociais. A própria Igreja, trilhando a senda de Paulo Freire, revolucionou sua Filosofia da Educação, através da pedagogia de libertação e, mais recentemente, do chamado "construtivismo".

O São Vicente, em sintonia com os Bispos latino-americanos reunidos em Medellin (1968) e Puebla (1979) e com a própria CNBB ("Educação, Igreja e Sociedade", 1992) vem sempre aprofundando sua proposta de Educar para a Libertação e, entre erros e acertos, busca transmitir aos alunos de hoje pistas seguras para o

"O São Vicente vem sempre aprofundando sua proposta de Educar para a Libertação"

amanhã na sociedade.

Há poucos meses, ouvimos nosso ilustre ex-aluno, o príncipe D. João de Orleans e Bragança, felicitar-se publicamente por ter recebido aqui o conteúdo e a disciplina que o induziram à vida pública responsável.

Haverá paralelo entre a vivência hodierna do São Vicente e o conteúdo de tais memórias?

À disciplina coercitiva de outrora contrapõe-se, hoje, a "busca das condições de aprendizagem", tanto mais perfeita quanto mais de dentro vier: *auto-disciplina*. Esta convive bem com ambientes de respeitosa, espontaneidade, de iniciativa e participação, de diálogo e ajuda mútua, de construção do Pensamento e da Comunidade Educativa, enfim, de positiva experiência da Liberdade.

O regime de outrora, como todo o rigor que se lhe debita, produziu seus brilhantes cidadãos, tais como Joaquim de Salles.

Com que condições poderá o de hoje, o de nosso São Vicente, repetir aqueles êxitos?

Pe. José Pires de Almeida.CM
(Diretor do C.S. Vicente de Paulo)

A casa mágica

Depois da minha opção profissional pelo magistério, nunca me poderia imaginar dedicado a alguma outra atividade... Admitir investir um tempo em alguma atividade mais rendosa, talvez, mas, de forma alguma abandonar as salas de aulas...

Há três anos e meio deixei de ser profissional do magistério para abrir uma pequena firma prestadora de serviços, operando no mercado de seguros. Embora este início não tenha sido um vôo em céu de brigadeiro, deu para "voar direitinho", mas sempre carregando aquela saudade de quem se muda, buscando um lugar melhor pra viver, sem esquecer os cantos bonitos de onde viveu, os amigos que deixou...

Tenho certeza que este calor que me vem ao coração toda vez que surgem as recordações do magistério estão muito fortemente ligadas ao "velho São Viça"! Afinal, os meus seis últimos anos de magistério foram em grande parte trabalhando nesta Escola.

É claro que esta minha lembrança do São Vicente está ligada ao modo como Escola e eu convivemos.

Durante o meu primeiro ano de trabalho, vivi confinado no "parque jurássico" do 3º ano do 2º Grau, sendo professor de Física para uma maioria de alunos que dizia não ter qualquer afinidade com a matéria e que equivocadamente pensava que professores contratados em 1984 e 1985 eram "invasores"... Além disso, tinha a impressão de que, de longe, era "sempre vigiado" pelo "vestuto Pe. Lauro"...

No final do primeiro ano de trabalho, com o convite para assumir também as aulas de Física do 1º ano do 2º Grau, comecei a descobrir que se podia respirar o ar de liberdade de tentar algo melhor, sem temer a perda do emprego porque "algo saiu errado". Nesta época descobri que o "vestuto Pe. Lauro" era um homem paciente, apesar do rosto de poucos sorrisos, que tinha um projeto em que realmente acreditava: vira e mexe, e lá vinha ele falando na tal "Teoria da Libertação"... Falava tanto que não havia como não prestar atenção ao que dizia. E foi então, com um tempo maior de trabalho nesta Escola, participando daqueles Conselhos de Classe que pareciam intermináveis, onde sem estar presente, desfilavam à nossa frente aluno por aluno de cada uma das turmas... Teve até Con-

selho que levou dois dias! Só que, depois de tudo, vinha uma ótima sensação de "tentei-fazer-o-melhor-que-podia". Em contrapartida, o aluno do "São Viça" - tanto faz o "guru", o "play-boy", o "surfista" ou o "certinho" - é de uma generosidade e um afeto incomuns com os funcionários, de todos os níveis, quando percebem este envolvimento com a Escola, e, mais: eles só esperam este tipo de comportamento.

Entendo que exista uma razão para essa expectativa dos "alunos-do-São-Vicente": quase todos estão nesta Escola desde a 1ª série do 1º Grau e muito certamente passam tanto tempo das suas vidas no Colégio. Assim, o "São Viça" vira um pouco de "casa" e fica estranho conviver com quem não tenha o mesmo espírito. A coisa é tão forte que, depois que saem da Escola, já na Universidade, ainda são vistos circulando por aqui, em grupos ou mesmo sozinhos. Mas, como é que poderiam agir diferente se o próprio Diretor da Escola age assim, isto é, dirige a Escola, circula por ela toda, com jeito de quem diz "a minha escola"? E é aí que reside a mágica do "prédio verde do Cosme Velho", com seus muros do pátio pixados de amor; com suas árvores tranqüilas ao fundo, parecendo respeitadas guardiãs da retaguarda; com o seu teatro onde tanta gente sonha ser Fernanda Montenegro e o ginásio, de ouvidos pacientes, com todos os "Claptons" e os "Rottens" dos seus inesquecíveis saraus: pra ser assim, ele precisa ser visto com cara de "casa da gente" e por ser assim, deixa tanta saudade...

Antonio Rogerio Cardoso Coelho
(Ex-professor - Física - 2º Grau)

Podemos combinar assim?

Todo sábado é a mesma coisa, a ladainha pre-programa sai num fôlego só. O repertório varia um pouco, dependendo do sexo e da ousadia do ouvinte e da ansiedade do orador:

- "Não volte muito tarde, querida."
- "Quem é mesmo que vai na festa?"
- "Qualquer coisa telefone!"
- "Veja bem o que você vai fazer!"

- "Eu confio em você, tudo o que você fizer será responsabilidade sua!"

Entre a pressa de sair e a prudência de não render assunto, as respostas vêm breves. Com um pouco de tolerância vai sair o derradeiro "divirta-se!". Mas, se o caso for um acampamento de um fim de semana com a turma do Colégio, pode-se tentar uma promessa para que chova torrencialmente, talvez funcione...

Fica combinado assim: os pais têm que prevenir os filhos contra esse mundo violento e imprevisível, os filhos fazem de conta que as perguntas e recomendações se esgotam aí, no discurso manifesto. Afinal, qual é o pai/mãe que diz rotineiramente?:

- "Eu tenho medo que você não esteja maduro/a o suficiente para viver determinadas experiências sexuais e que se magoe."

- "Mesmo que você tenha todo o conhecimento sobre Aids, meu receio é que você não saiba se cuidar."

- "Eu me preocupo com os chopinhos. Será que os exageros eventuais podem se tornar freqüentes?"

- "As drogas me apavoram. Você pode se viciar, enlouquecer e até mesmo morrer!"

Qual a reação do filho? Uma estratégia muito usada e bastante eficaz, é juntar de dois a três (principalmente se forem meninas) e falarem todos ao mesmo tempo, em 78 rotações. Além de ensandecer os pais, metade do que foi falado se perde. Sutilmente, eles nos mostram que falamos demais! Minhas filhas dominam muito bem esta técnica...

Em outros momentos o jovem rompe o contrato. Quando precisa muito falar sobre algum assunto, ele conta "distraidamente" uma experiência de um amigo. Assim, ele fala de si sem falar e "sonda" a reação dos pais; estes podem aproveitar a ocasião para fazer um discurso pedagógico-ideológico-moral. Parece que fica mais fácil: o que estava latente se torna explícito. Só que o dito discurso, traz implicitamente muitas questões e aquele adulto que foi filho, na verdade, também está falando de seus sentimentos, suas dificuldades, suas dúvidas, suas lembranças e medos. Quando ouvimos: - "Mãe, você acha que minha amiga se precipitou?" Isto pode significar: - "Você aceita que eu faça diferente das expectativas que você tem?" E quando respondemos: - "Os pais dela já sabem?" Talvez estejamos indagando: - "Será que eu suporto discutir abertamente com ele/ela este

assunto?" Ou ainda: - "Amo você, por favor não me decepcione!"

Frente a tudo isso, na melhor das hipóteses, a Escola se depara com um triplo desafio:

- negociar com as crianças e adolescentes seus desejos de liberdade e, ao mesmo tempo, delimitar condutas;
- abrir espaços de discussões que contenham os pais nas suas angústias e, também, com estes, ajustar necessidades e demandas;

- construir relações consensuais com uma gama infundável de diferentes famílias, o que implica na coexistência de múltiplas tradições, visões, rituais, projetos, narrativas, preconceitos etc. .

Tá certo, aceitamos o desafio. Mesmo porque o educador é aquele que deseja e toma para si a responsabilidade de criar espaços de reflexão, convivência e, conseqüentemente, mudança. Em contrapartida, você, pai/mãe aflito, aceita o fato de que este desafio só se torna viável se for construído mutuamente - num compromisso entre pais e o espaço educativo. Podemos combinar assim?

Profª Patrícia Mendes Rubim
(Psicóloga do SOE)

Dever de casa - uma paixão !?

- Beto você já está na Televisão!
- Ora, mamãe, deixe-me descansar do almoço.

- E os deveres? A que horas você vai fazer? Olhe que hoje é dia de aula de Inglês e você não pode se atrasar!

- Deixe 'cumigo' ! Vai dar tempo pra tudo!

E o Beto se acomoda em frente à TV para assistir "Vale a pena ver de novo".

"Como seria bom se a minha mãe trabalhasse fora, pelo menos, não ficava no meu pé. Pra quê essa 'quizumba' por causa de um simples deverzinho? A maioria da turma também não faz! O Marcos é que é feliz; passa toda a tarde à vontade. É verdade que, de vez em quando, a mãe dele telefona do trabalho e fica perguntando o que tem pra fazer de Português, de Matemática, de Estudos Sociais... É preciso ter 'saco'! Mas, pelo menos, não é 'ao vivo' como a minha".

- Beto, assim que acabar a novela vamos ver

o que tem pra hoje; para adiantar, eu vou dar uma olhadinha no seu diário. Ih! tem uma entrevista com um feirante. Minha Nossa Senhora! A feira foi ontem e você não avisou! Você tem que pedir à Professora para adiar este trabalho. Agora, só tem feira na semana que vem! Mas você é desligado, menino! Vou ver se sua avó pode levá-lo à feira da casa dela, que é amanhã.

Beto, impassível, vê o final do capítulo e pensa na professora: "Como ficará furiosa, quando vir que eu não fiz o dever! Certamente vai dizer que não vai poder dar aula, pois preparou-se para comentar a entrevista e, se forem muitos os que não tiverem feito, o 'tempo vai fechar'. Talvez até até chame a Coordenação..."

- Beto, você já está vendo outro programa!? Você disse que era só a novela.

- É mamãe, mas não vai dar mesmo tempo de fazer nada, antes da aula de Inglês; assim, eu aproveito mais um pouquinho e, na volta, faço sem falta!

- É bom fazer mesmo, pois eu já estou farta de receber bilhetinhos da Escola. Não vou mais assinar nenhum! Você é que 'se vire'. Tem que assumir suas responsabilidades! Depois da aula de Inglês, eu não estarei em casa. Vou para a minha ginástica e, quando chegar, quero ver tudo pronto!

Beto sorri furtivamente e pensa: "Hoje eu ganhei esta! À noite, ela não vai mais nem se lembrar. Amanhã, eu vou sentar junto do Paulo pois, como ele nunca faz o dever, nós poderemos ficar conversando, durante a correção e, assim, não ficará tão chato não ter o que fazer..."

E o Beto se veste, caprichando no visual, pois, no curso de Inglês, está aquela 'gatinha' que ele tanto paquera; sai assoviando a última música de seu conjunto favorito... Algumas mães vão dizer: "Eu já vi este filme".

Pais, Alunos e Professores, atônitos, buscam uma saída para esta questão.

Não oferecendo horário integral, a Escola precisa contar com algum espaço em que o aluno dê continuidade à construção do conhecimento iniciada na sala de aula. É o momento de internalizar, integrar, aplicar, complementar conteúdos que foram mobilizados.

As famílias, por outro lado, não dispõem mais de tempo e recursos que poderiam ser facilitadores deste processo.

As crianças têm solicitações muito mais atrativas que os deveres de casa e, raramente, se propõem executá-los espontaneamente.

Os Professores desgastam-se nesta cobrança inútil e deterioram-se as relações.

Que fazer, que mudar, tendo em vista que: "... o motor do conhecimento é a paixão?!..." (Maturama)

Profª Norma G. de Andrade
(Orientadora Educ. - 1º Grau)

Desafios... Indagações... Reflexões...

Há 23 anos atrás, quando fiz minha opção pelo magistério, sabia que um desafio maior se impunha: tornar o ensino da Matemática um elo de ligação com os jovens; poder, de alguma forma, contribuir para a amplitude de sua formação.

Hoje vejo-me fora da sala de aula, tendo um novo elo a construir - o vestibular. Se, em 1969, o desafio já era grande, hoje o sinto maior ainda.

Como coordenar uma equipe de professores com uma pluralidade riquíssima de idéias e conhecimentos? Como trabalhar junto a um grupo de jovens cheio de ambivalências e indefinições? Como concluir o que já fora trabalhado pelos meus colegas para facilitar o ingresso dos profissionais do século XXI na vida universitária? Como dar ao 3º ano o cunho de terminalidade de uma fase da formação desses estudantes?

O momento é difícil! A Escola tornou-se "pequena" para esses alunos e o mundo "extramuros" é uma incógnita.

É chegada a hora de sair e a escolha do caminho a seguir é difícil conflituoso.

A equipe do 3º ano, de forma coesa, vem refletindo as questões que se apresentam, buscando - sempre dentro da pluralidade de situações e de ações - encontrar a solução mais adequada, aquela que levaria a EDUCAR nossos futuros universitários da melhor maneira.

Estamos acertando? Só o tempo dirá.

A cada momento, a cada novo ano, novos desafios se apresentarão, para cada um de nós, individualmente, para toda uma equipe de trabalho e, principalmente, para cada jovem que busca a realização e a concretização de um ideal.

Tenho convicção de que, acima de tudo, cada desafio é um novo amanhecer, é uma nova busca e, para tal, é preciso não desanimar.

Olhemos juntos o nascer do sol.

Maria Cristina Caldas
(Coordenadora do 3º ano do 2º Grau)

Arte como iniciação às Ciências Humanas?

... "e a escola, qualquer escola, deve educar para construir a cidade, como forma sensível da civilização."
(Giulio Carlo Argan)

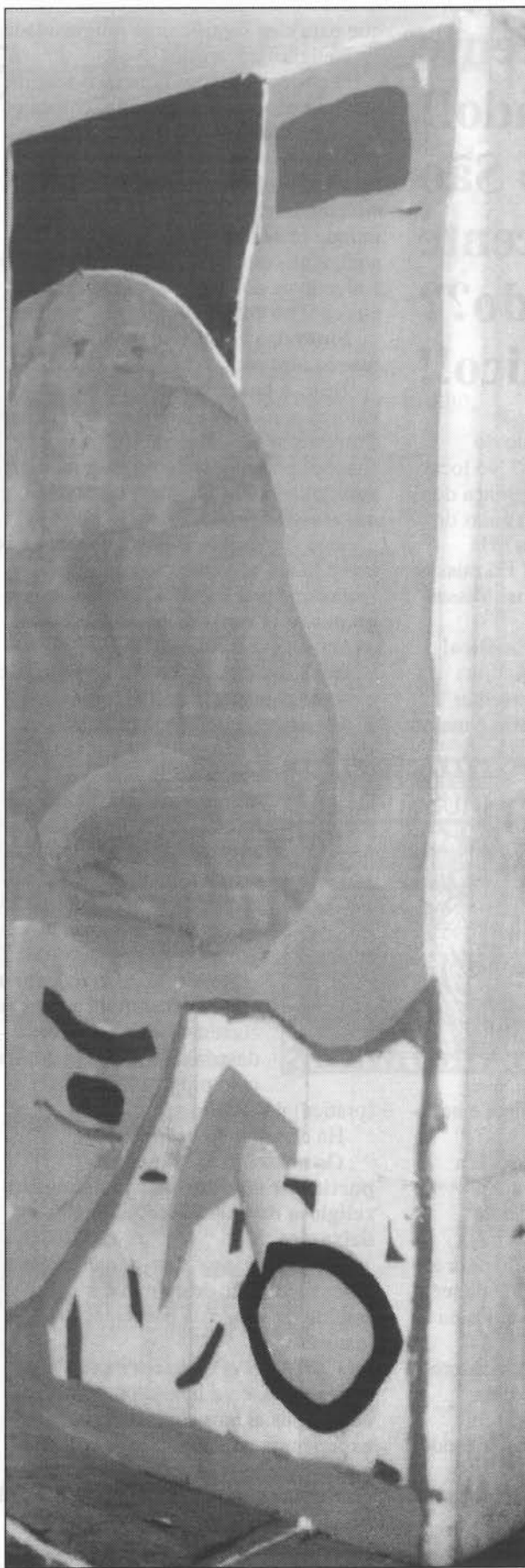
Sempre que pensamos no papel da Escola, em sua essência, a resposta que nos vem é "formar cidadãos". Por outro lado, faz parte dos direitos do cidadão o acesso à arte e à cultura (considerando cultura como o patrimônio da Humanidade, a produção coletiva de uma Sociedade).

A cidade contemporânea (habitat do cidadão) é um enorme sistema de comunicação e sua imagem muda permanentemente. É função da Escola auxiliar a compreensão desse sistema e a decodificação dessa imagem eternamente transformadas pela interferência de tudo o que é produzido pelos seus habitantes, ou seja: o cidadão constrói, o tempo todo, a sua cidade e a sua civilização faz urbanismo.

Essas idéias inspiram e norteiam o trabalho que temos feito nas aulas de Arte no 2º Grau - que fazem parte do ICH (Iniciação às Ciências Humanas). Ao familiarizar o aluno com as grandes transformações e rupturas sofridas pela Arte, a partir do final do século XIX, pretendemos enriquecer a sua leitura desta imagem "cambiante" em que estamos imersos.

Na palavra cidadão está contida, também, a idéia de "liberdade", essa idéia aparece muito na avaliação que os alunos fazem das aulas de Arte. Mas que liberdade é essa?

Diante de uma matéria inanimada (tinta, papel, argila etc. ...) você pode fazer qualquer coisa. Mas como não



Joana Lyra e Mila Werneck (2º ano-2º Grau)

fazer "qualquer coisa", e sim algo que comunique, que signifique, que dê alguma "vida" a essa matéria? Como não ficar "perdido" diante do "posso tudo"? E como, entre infinitas possibilidades, escolher determinada cor ou forma? Enfim, como construir uma linguagem?

Em Arte, a comunicação não se dá somente a nível intelectual, mas, também, a nível da percepção e da emoção. Essa linguagem a ser conquistada é, na verdade, a construção de uma poética que lida com o mundo externo, mas provoca um diálogo interior.

Nossa tarefa, enquanto professores, é favorecer a experimentação, ampliando o repertório de imagens do aluno, enriquecendo a sua vivência estética através de trabalhos práticos, da leitura desses trabalhos e da compreensão do pensamento plástico da nossa época. Pretendemos, com isso, contribuir um pouco para este exercício de liberdade e de autoconhecimento.

..."Eu encontrei o meu caminho e as minhas tendências, senti que, o que eu fazia com a mão saía de dentro, tão de dentro que, às vezes, nem pensava, fluía"...

(trecho da Avaliação de Fernanda, ex-aluna).

Sheila Dain
(Coord. de Artes - 1º e 2º Graus)

São Vicente sagrado!! É o colégio São Vicente sagrado?? É católico!!

Onde está o lugar sagrado do colégio São Vicente de Paulo? No local da capela no sub-solo? Na presença dos quatro padres lazaristas? Tem aulas de religião? Primeiras eucaristias? Há muito tempo não tem crisma! Há missas diárias! Natal dos funcionários! Missas festivas!

É um colégio da Igreja Católica!

O nosso jovem colégio (34 anos) sempre correu o risco de "reinventar". E neste final de século o desafio é maior



na "recriação" da escola católica e na sintonia com o sagrado.

Alguma coisa está mudando. É a emergência das diferenças entre a cultura moderna e a pós-moderna.

Os nossos alunos, nascidos na sociedade pós-moderna, trazem para a escola um experiência diferente daquela que nós educadores e pais tivemos na nossa infância.

A maioria de nós, pais e educadores, identificou a palavra religião com catecismo, normas, cerimônias em igrejas de diferentes religiões, de modo geral a Igreja Católica.

Os nossos jovens pós-modernos têm um novo conceito de religião.

A palavra traz-lhe à memória um universo pluralista de relações, símbolos, imagens, reportagens e fatos

que para eles significam a religiosidade.
Religião para quê?

O ensino religioso oferece o sentido máximo da vida e da história, coloca os fundamentos básicos para que as pessoas se sintam motivadas e convictas sobre a validade de se viver em comunhão e construir juntas um mundo onde todos possam ser felizes aqui, e na certeza de que a imortalidade é algo mais do que a expansão do meu eu (ego) no cosmos.

Sintonizar com o sagrado dos nossos alunos.

Hoje, a busca do sagrado e dos valores mais elevados (transcendentes) expressa-se de mil maneiras: nas canções populares, na linguagem da publicidade, nas novelas, no cinema, nas revistas em quadrinhos, nos objetos simbólicos e místicos que estão à venda em ritos, mantras, "relaxamentos", gestos, crenças e grupos religiosos, cujos objetivos são os mais variados.

Nossos alunos e seus filhos vêm para a escola com experiência pluralista.

O ensino religioso será inútil se...

Se o SVP (e as outras escolas católicas) só oferecer aulas de religião, missas, primeiras eucaristias, páscoas, crismas, convivências, encontros e não incorporar a dimensão religiosa na proposta pedagógica e ou projeto educativo da escola, as aulas de religião serão ou correm o risco de serem desacreditadas, desmentidas pelo próprio jeito de ser

(prática) da escola.

Há de ter coerência.

Os nossos alunos querem participar da dimensão pedagógica - religiosa da nossa escola... e nós deixamos??

Nossas crianças, pré-adolescentes e jovens tem sede de compreender o sentido da vida e da participação da história.

Cabe ao SVP, lugar sempre privilegiado, continuar a proporcionar aos nossos alunos e educadores a experiência de integrar no conhecimento e na ação os aspectos pluralistas do sagrado e da religiosidade que surgem na sociedade hoje.

Reinventar a escola sempre!!

Prof. Sérgio Maia
(Pastoral)

Educação Física, uma disciplina

O colégio São Vicente de Paulo conseguiu, esse ano, uma classificação surpreendente no handebol dos Jogos Intercolegiais. Tudo consequência de um trabalho que não tinha como objetivo principal a vitória: esta, porém, é lógico seria bem-vinda. O mais importante, no entanto, foi a união, a dedicação, o companheirismo, as novas amizades e até algumas broncas. Isso tudo me despertou uma vontade de escrever algo que marcasse este momento de convivência.

Aos meus amigos: Feliz o dia em que resolvi deixar a geografia para me tornar professor de Educação Física, profissão que não é encarada por muitos colegas educadores como séria. Infelizes eles, porque, como o próprio muro do colégio já "disse" certa vez, educação é tudo aquilo que se sabe quando se sai da escola.

Esta minha profissão, felizmente, me deu condição de participar da estruturação do pensamento dos alunos, não o pensamento adquirido com o estudo das matérias formais, mas, sim, com o crescimento do indivíduo como ser humano total, com todas as suas relações interpessoais. Amanhã, muitos serão profissionais gabaritados, graças a boa formação escolar, mas na vida e, inclusive, no próprio trabalho, muitas decisões e desafios serão enfrentados com experiências adquiridas através da vivência esportiva. Somente quem já participou desse tipo de experiência pode descrever o quanto se aprende para a vida.

Sem querer desmerecer o trabalho de nenhum companheiro, poucos professores conseguem saber tanto dos alunos como os professores de Educação Física. Através do divertimento, das alegrias, das tristezas, das frustrações do esporte, os alunos se abrem e revelam certas situações de que, às vezes, nem os pais tomam conhecimento.

Poderia muito bem, atualmente, estar em uma sala convencional ensinando geografia, mas não, preferi este contato tão próximo e tão carinhoso com os alunos. Os meus alunos não são só alunos, são meus amigos.

Muito obrigado, "garotada" do handebol, por todos os momentos de alegria, carinho, sentimentos que fazem parte dessa convivência para o crescimento de todos nós.

Boas férias, abraços

Ricardo (prof. Educação Física)

Cantinho Poético



Aula magistral

*Cruzo a sombra do velho mestre
Difícil conter a emoção
Aura de humildade o reveste
Traz idéias em profusão
Fala sobre Deus, sobre a vida
Sobre a lua quase escondida*

*Aceita minha companhia
Agrada-lhe compartilhar
Sabedoria e ignorância
Com simplicidade situa
A verdade num patamar
Tão semelhante ao da ilusão*

*Sua mansidão me remete
À profunda reflexão
O vôo do pensar transcende
A lógica do Se... então
Desvela-me um conhecimento
Eternamente inacabado*

*Enquanto juntos caminhamos
Modelos foram superados
Teorias reconstruídas
Convicções estremecidas
Seguiremos nossos destinos
Porém não seremos os mesmos*

Prof. Jorge Ubiraja (Química - 2º)

Poesia sem nome 11

Um velho burrinho
nunca saía d'aquele caminho.
Fazia caminhadas longas
e nunca ia para o jardimzinho riquinho
porque a primeira vez lhe deram um tirinho,
a segunda, uma palmada na bunda
e a terceira mostraram que ia ser freira.
Só que a quarta não quis ir mais
porque isso é demais!

Conto sem nome 1

Um vampiro foi lá no Universo.
E o universo virou um paraíso.
As pessoas ficaram imortais.
Não precisavam de dinheiro para viver
e não tinha doenças.
Mas depois descobriram
que o Universo
tinha que voltar ao normal,
senão Deus
ia virar um animal!

Poesia sem nome 5

Havia uma velhinha,
no canto da cozinha,
a vida inteirinha,
paralizardinha,
igual uma estatuetinha!

Poesia sem nome 2

Sabia que só se faz poesia com Maria?
A melhor pessoa para fazer poesia!
Conta cantiga e canta melodia!
Ela faz noite e dia,
sua longa poesia!
Pro gato e para a titia!

Marcos Lesbaupin (t. 25)

O impulso para uma nova etapa

Todos os anos, um grupo de alunos especiais, que por aqui passaram, se despede do dia-a-dia do Colégio. São aqueles que após um período de preparação enfrentam o vestibular, iniciando assim uma nova etapa de suas vidas. Que pessoas especiais são essas? São aqueles que, além de cumprirem suas obrigações culturais, se esforçam, se contudem, se desgastam por prazer e vontade de reinar e competir para representar o Colégio nas diversas modalidades esportivas. Sendo assim, até breve: Luli; Alemão; Soninho; Saulo; Pedro Oscar; João; Antonio; Theo; Patrick; Diniz; Walter.

A equipe de Educação Física do SVP orgulhosa de vocês, agradece e espera que todos esses momentos compartilhados tenham servido de impulso extra para a formação de seus caracteres, idéias, ideais, força de vontade, criatividade, moral, equilíbrio físico e psíquico, força, raciocínio, velocidade, resistência etc.

Um abraço amigo dos
**profs. Paulo; João;
Ricardo; Gerson**
(Educ. Física)

Professores do São Vicente de Paulo

PRIMÁRIO

Alzemira de Assis Paula, Célia Maria Duque Estrada Meyer Menezes, Cláudia de Carvalho Marçal, Cristiane Coelho Pessanha, Débora Maria Cavalheira Montano, Edna Gonçalves Cardozo, Emília Costa de Almeida, Fatima Marschausen Pereira Teixeira da Silva, Flavia Diniz de Souza Coutinho, José Eugênio de Macedo, Kedma de Oliveira Silva, Lauro José de Oliveira Basile, Leda Siqueira Machado, Leila Alvarenga Bastos, Lúcia Maria Madeira da Costa, Marcia de Assis Vieira, Márcia Lima Vitoria de Abreu, Maria Celeste Reis Braga, Maria Cristina Maciel Teixeira, Maria Lúcia Vasconcelos Gomes, Marlene Lydia Bluhm, Neusa de Freitas Bastos, Noêmia Bittencourt Cavalcanti, Rosana Mota Coelho da Silva, Sandra Maria Motta Marques, Sonia Maria Sousa Guimarães, Vilma Gledice Lins Cavalcanti.

GINÁSIO e COLEGIAL

Abgail Analia de Moraes Barbosa, Adahyl Lourenço, Alexandre Rodrigues Junqueira, Almir Terceiro Teles, André Luiz Rodrigues Chaves, Ângela Maria de Randolpho Paiva, Anna Mansur, Artur Guilherme Carvalho da Motta, Carla di Gregório Porciúncula, Cátia Ferreira de Miranda, Célia Eyer de Araújo, Cléa de

Albuquerque Coelho, Clóvis de Figueiredo Neves Filho, Dirce de Camargo, Edison Nunes Abreu Teixeira, Edson Boia do Nascimento, Elpídio Targine Veras, Filomena Lúcia Viceconte Cavalcanti, Gerson Vellaco Júnior, Heloísa Pereira Silva de Carvalho, Hugo de Vasconcelos Paiva, Hugo Santos Martins Pinheiro, Iara Telles Lima Costa, Inah Brider, Ivone Vieira, Jandira Correia Hamacher, João Carlos Rodrigues Gomes, João Chagas de Oliveira Netto, Jorge Ubiraja Marques de Souza, José Carlos Vieira Campos, José Eduardo de Souza, Luci de Araújo Moura, Luiz Octávio Alves da Silva, Luiz Sérgio Dias, Luiza Regina Mattos Braga, Manoel Vieira, Marçal Versiani dos Anjos, Marcio Bonin Ribeiro, Marco Antônio Gomes de Oliveira Menezes, Margarida Maria Nunes Monteiro, Maria Cláudia de Amorim, Maria Cristina Spínola Pereira Caldas, Maria da Graça dos Santos Vasconcelos, Maria das Neves Oliveira, Maria de Lourdes de Araújo Trindade, Maria de Lourdes Rangel Tura, Maria Eleonora Mateus Caldeira, Maria Eugênia Carvalho Pondé, Maria Heloísa de Oliveira Vilas Boas Simões, Maria Margarida Cardoso Félix de Souza, Maria Rosa Momesso de Castro, Maria Teresa Naylor Rocha, Marlene de Araujo, Marlúcia Silva de Oliveira, Mônica Miceli Roque, Nara

Barat, Neisa Graça Gomes, Nice Pereira dos Santos Ballado, Nilo Sérgio dos Santos, Nina Maria Vernes Tempone da Cunha, Norma Thereza Moraes Góes de Andrade, Patrícia Mendes Rubim, Paulo Pereira Nascimento, Ricardo Oliveira da Silva, Roberto Benetti Mallet, Roberto Vizeu Barros, Rocine Castelo de Carvalho, Rogério Forti, Rose Mary da Mota Oliveira Manhães, Seimar Magalhães Sant'Anna, Sérgio Benedito Maia, Sérgio Luiz Alves Drago, Sheila Dain, Solange Gonçalves Borba, Sueli de Lima Moreira, Ubirajara Melo dos Santos, Wander Francisco de Paula, Wilka Maria Paschoal Correa de Brito, William José Batista, Zacarias Jaegger Gama, Zelina Coelho Sena Delduck, Zulma Guimarães de Góes Telles.

SUPLETIVO

Adriana Penna Milagres da Fonseca, Catia Oliveira de Carvalho, Clautenes Antônia Faray Ferreira Lopes, Etiene Guimarães Monteiro, Helcy de Britto Franca Soares, João Coutinho de Barros, José Fernandes da Silva, José Paulo Dias Teixeira, Laerte Martins Guerra, Lúcia de Fátima Nunes Neves Bruyere Monteiro, Luciene Maria Gomes, Maria Alice Ferreira Franca Barradas, Maria Concetta Centola Lamori, Mariza da Silva Nobre, Terezinha Cunha, Wilmary Josemar da Silva.

Funcionários do CSVP

ADMINISTRAÇÃO: Claudia Mouro Pinto.
ALMOXARIFADO: Antonio Luiz de Andrade, Rosane Rocha da Silva.
BIBLIOTECA: Cláudia Helena Garicoi da Costa, Dirlene Ferreira Kinup, Maria Eliane de Oliveira Figueiredo.
CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS: Rosemaria Verônica de Araújo Pereira, Rozani Clementina do Nascimento.
DEPARTAMENTO PESSOAL: Andrea Severiano Vieira da Cruz, Humberto Pedro Barbosa Areas, Marly Marreiro do Nascimento Januário, Rozilda Sanches da Rocha.
COORDENAÇÃO DE DISCIPLINA: Sueli Rangel Maia, Walmiria Britis Braga.
DISCIPLINA: Alcyr Barreto Ribeiro, Almir Barbosa do Nascimento, Antônio Morais Silva, Cristina Muniz Gonçalves, Elizabeth Damaso dos Santos, Gilcemar José dos Santos Santana, Inésia Maria da Conceição Mendonça, José Maria da Silva, Josuel Batista Araújo, Leila Gomes Ferreira de Paulo, Luiz Claudio de Almeida Ferreira, Maria da Glória da Rocha Cabral, Marlene Maria de Figueiroa, Raquel da

Silva Andrade, Rubem Mauro do Couto.
AUXILIAR DE COORDENAÇÃO: Lúcia Maria Gomes da Silva, Sueli Santana Machado.
ENFERMARIA: Márcia Ferreira do Nascimento.
MOTORISTAS: Antônio Soares de Oliveira, Severino Pereira da Silva.
MECANOGRAFIA: Graça Maria Belo do Rosário, Marly Gomes Correa, Tania Maria de Oliveira.
PORTARIA: Antônio Miguel da Silva, Antônio Silva Moreira, Aristides José de Souza, Iranilson de Sant'Anna Leite, Ivan Calixto do Nascimento, Josileuco de Macedo Ramos, Júlio César Martins, Marco Antonio Silva de Amorim, Rita de Cássia Alves da Silva.
SECRETARIA: Ivonete Costa Andrade, Jacqueline Scaglianti, Maria Neide da Silva, Sonia Freire de Castro, Vânia Maria de Magalhães Castro Remy, Willian Alves dos Reis.
TESOURARIA: Lenilda de Souza, Maria Cristina Petiz.

SERVIÇOS GERAIS: Maria Amélia do Nascimento Lima, Maria da Conceição Santos, Maria do Socorro dos Santos, Maria José Oliveira Silva, Silvéria de Jesus Nascimento.
ASCENSORISTAS: Antônio Milão Pinto, José Antônio Rosa Gonçalves.
SERVIÇOS OPERACIONAIS: Darcy Moreno da Silva, Euripes José da Silva, Valério Bartelli.
ZELADORIA: Antônio Edvaldo Carvalho Silva, Bianor Florêncio dos Santos, Carlos Severiano Dantas, Cícero Rodrigues de Almeida, Cosme de Souza, Edson Rodrigues Teixeira, Francisco Camelo Xavier, Francisco Pereira da Silva, Geraldo Constantino Teodoro, Gerônimo Cabral da Silva, João Manoel de Souza, José Alceu Silva, José Darcy Rodrigues, José Trajano da Silva, Marco Antonio Marcilio de Oliveira, Pedro Ribeiro dos Santos, Severino Firmino de Farias.
COZINHA: Benedita Souza Caldas Moreira, Gérson Vicente Alves, Helenita Marques Barbosa, Maria Emília Martins Alves, Rita Maria dos Santos Leandro.

comungam os mesmos ideais, crenças e opiniões
comunidade. 6. Lit. Antífona que faz parte das orações
finais da missa. [Cf. *liturgia da missa*.]

comunheiro. S. m. V. condômino.

comunial. Adj. 2 g. Referente à comunhão.

comunicabilidade. S. f. Qualidade de comunicável.

comunicação. [Do lat. *communicatione*.] S. f. 1. Ato ou
efeito de comunicar(-se). 2. Ato ou efeito de emitir,
transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/
ou processos convencionados, quer através da lingua-
gem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou
símbolos, quer de aparelhamento técnico especializa-
do, sonoro e/ou visual. 3. P. ext. A ação de utilizar os
meios necessários para realizar tal comunicação. 4. P.
ext. A mensagem recebida por esses meios. 5. O
conjunto de conhecimentos relativos à comunicação
(2), ou que tem implicações com ela, ministrado nas
respectivas faculdades. 6. A capacidade de trocar ou
discutir idéias, de dialogar, de conversar, com vista ao
bom entendimento entre pessoas. 7. Exposição oral ou
escrita sobre determinado assunto: *Temos comunica-
ção mensal das ocorrências*. 8. Participação ou avi-

**20 anos, um recorde.
Parabéns, a chama.**

TRIBUNA
da imprensa